

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE ARTES  
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA

**MENEGAZZO TEATROS**

**A vivência como processo de formação em uma história de família**

THAINI MENEGAZZO

Porto Alegre, dezembro de 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE ARTES  
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA

THAINI MENEGAZZO

## **MENEGAZZO TEATROS**

**A vivência como processo de formação em uma história de família**

Trabalho de Conclusão de Curso de  
Licenciatura em Teatro

Orientação: Profa. Dra. Vera Lúcia  
Bertoni dos Santos

Porto Alegre, dezembro de 2019.

## SUMÁRIO

Resumo.....	04
Riassunto.....	05
Agradecimentos.....	06
INTRODUÇÃO.....	07
1. A IDEIA DA PESQUISA.....	11
1.1. Motivação e objetivos do trabalho.....	12
1.2. Metodologia da história oral.....	14
1.3. Procedimento de produção de dados: as entrevistas, os sujeitos.....	16
2. HISTÓRIA DE UMA FAMÍLIA-GRUPO.....	20
2.1. O <i>Raízes</i> : fundação de um coletivo de teatro amador.....	20
2.2. A <i>Menegazzo Teatros</i> : formação do núcleo profissional.....	34
2.3. Novas parcerias.....	38
2.4. A continuação de um sonho.....	44
2.5. Cronologia teatral na família Menegazzo .....	46
3. ENTRE A VIVÊNCIA DE GRUPO E A EXPERIÊNCIA ACADÊMICA.....	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS.....	52
APÊNDICE .....	53

## **Resumo**

A partir da vivência teatral da autora no grupo “Menegazzo Teatros”, em atividade na cidade de Casca, Rio Grande do Sul, e arredores, desde 1991, e da experiência dos seus familiares, fundadores do grupo, o trabalho reflete sobre o processo formativo de constituição do professor de teatro. Tendo por base teórica estudos no campo da Pedagogia do Teatro e a noção de Teatro de Grupo, enfatiza-se a relação de intercâmbio estabelecida entre os saberes adquiridos na trajetória individual da atriz e os conhecimentos construídos ao longo da formação acadêmica da futura professora de teatro; e registra-se a história desse “grupo/família”, tornando-a pública e acessível para além dos limites de espaço e tempo da sua atuação.

**Palavras-chave:** Formação, Grupo, Professor, Teatro, Trajetória, Vivência.

## **Riassunto**

A partire dall'esperienza teatrale dall'autore nel gruppo "Menegazzo Teatros", in attività nella città de Casca, Rio Grande do Sul, e città vicine, dal 1991, e dall'esperienza dei suoi familiari, fondatori del gruppo, la ricerca riflette sul processo di formazione dell'insegnante di teatro. Basato in teoria di studi in campi della Pedagogia del Teatro, e nozione di Teatro di Gruppo, è enfatizzata la relazione di scambio instaurato tra le conoscenze acquisite nella traiettoria dell'attrice e le conoscenze costruite durante la formazione accademica dalla futura insegnante di teatro; e registra la storia di questo gruppo-famiglia rendendola pubblica e accessibile a oltre spazio i limiti di tempo della sua formazione.

**Parole chiave:** Formazione, Gruppo, Insegnante, Teatro, Traiettorie.

## **Agradecimentos**

Agradeço, profundamente à minha família: meus pais, João Carlos Menegazzo e Viviane Patrícia Bonafé Menegazzo, e minha irmã, Giovana Menegazzo, que não medem esforços para que eu possa realizar o sonho de me formar em Licenciatura em Teatro; que me colocam em contato com a arte teatral desde cedo; que confiam a mim, todos os seus conhecimentos; e que me incentivam e me fazem acreditar que é possível viver daquilo que nos dá vida.

À professora doutora Vera Lúcia Bertoni dos Santos, minha orientadora, que abraça este trabalho e, com muito prazer, empenho e dedicação, me ajuda a desenvolvê-lo.

Às professoras Mariana Vellinho e Fernanda Marília Gomes da Rocha, juntamente com os colegas da disciplina de Metodologias do Ensino de Teatro, bem como à professora Vera Lúcia Bertoni dos Santos, que ministra essa disciplina. Por todas as trocas realizadas, as conversas, os desabafos, as reflexões e experiências compartilhadas no meu quinto semestre de graduação, ponta pé inicial para este trabalho.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pelo ensino público, gratuito e de qualidade.

Ao Departamento de Arte Dramática da UFRGS e todos os seus professores, funcionários e colaboradores.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho origina-se da tentativa de compreender a vivência do professor e do artista de teatro como processos formativos. Para tanto, é importante que se saiba que, a partir de agora, toda vez que eu utilizar a palavra formação, não estou me referindo somente a um diploma, ou titulação acadêmica. Mas, também, a todos os outros processos formativos que se dão através das experiências adquiridas pelo indivíduo, para além dos espaços de educação.

Saliento que a escrita deste Trabalho de Conclusão de Curso ocorre na intersecção entre dois campos – teatro e educação. Apesar de acreditar que essas duas atividades não estão descoladas, por muitas vezes elas são lidas assim.

Para começar a assimilar esse pensamento, proponho um questionamento: quando você começou a fazer teatro? Nós, seres humanos, em toda nossa existência, insistimos em estabelecer linhas cronológicas e eventos marcantes de grande parte do que falamos ou fazemos. Nascemos, crescemos, morremos e esquecemos de observar aquilo que nos atravessa durante nossa trajetória. Por assim dizer, acredito que a pergunta não seja quando, e sim porquê.

Considero que, ao tentarmos responder essa pergunta, façamos associações e relações com fatos ocorridos em nossas vidas, por exemplo: o fato de um sujeito ter começado a fazer teatro no ambiente escolar, no oitavo ano do Ensino Fundamental, não quer dizer que este seja o seu primeiro contato com teatro, visto que, na sua vida, há uma série de eventos anteriores que influenciam diretamente a sua relação com essa disciplina artística. Ou seja, na escola, terá início o seu contato formal com o teatro, informalmente vivenciado em diversas ocasiões.

Dessa forma, acredito que, de modo geral, temos um conhecimento prévio adquirido antes da academia, que absorvemos muitas vezes sem perceber. A nossa vivência, nossa bagagem mais preciosa, tem papel crucial em nossa formação, seja ela pessoal ou profissional.

E se eu perguntasse – quando você começou a ser professor?

Não há um quando, justamente porque, para início de conversa, não existe um marco zero: algo que indique que a partir de hoje eu me torno professora, que a partir de hoje eu me torno atriz. Há quem diga que nos tornamos professores a partir do momento em que concluímos uma formação acadêmica e obtemos o diploma de licenciado. No entanto, acredito que a formação como professor, principalmente de teatro se processa muito além dos muros da academia.

Certa vez, um amigo me disse que quanto mais se vive, melhor se fica naquilo que se faz. Passei um tempo refletindo sobre isso, e penso que ele resumiu muito bem o que pretendo problematizar aqui. A academia, sem dúvida, nos proporciona amplos saberes que são de grande valia a qualquer profissional da área. Contudo, a nossa trajetória nos proporciona uma infinidade de outros riquíssimos saberes que estão deslocados da instituição de ensino. Minha intenção aqui não é afirmar que um conhecimento tem mais valor do que o outro, mas sim que, na formação do professor de teatro, suas vivências para além da academia são tão valiosas quanto a sua formação acadêmica.

A minha experiência teatral inicia de forma precoce, e muito peculiar, já na primeira infância, no ambiente familiar, que, no caso da nossa família, se confunde com o ambiente de um grupo de teatro amador chamado Menegazzo Teatros, que é constituído por meus pais e alguns amigos, na cidade de Casca<sup>1</sup>, localizada no interior norte do estado do Rio Grande do Sul.

Nasci e me criei, literalmente, numa “família-grupo” de teatro, na qual nos tornamos atores, produtores, divulgadores e técnicos das nossas montagens; e só depois de 17 anos vivenciando intensamente essa realidade, passo a ter contato com a formação acadêmica específica em teatro, vindo a agregar ao grupo a minha experiência.

O grupo Menegazzo Teatros é formado pelos meus pais, minha irmã e eu, atua no município de Casca e arredores desde 1991, e resiste até hoje, fortalecido por uma experiência longa e aprofundada dos seus membros e pela minha visão, que atualmente se amplia por conta das experiências vividas na

---

<sup>1</sup> O município de Casca localiza-se na região norte do estado do Rio Grande do Sul. Tem aproximadamente nove mil habitantes e sua economia gira em torno, principalmente, da agricultura familiar.

Universidade. Com poucos recursos, e quase nenhum apoio ou incentivo financeiro, essa “família-grupo” sobrevive com o teatro, que é seu ganha pão, levando espetáculos a lugares distantes da capital e difundindo a arte teatral no nosso estado.

No decorrer do curso de graduação, nos dedicamos ao estudo aprofundado de diversos movimentos e coletivos de teatro, representativos de diferentes momentos históricos, e somos estimulados a conhecer o trabalho dos principais grupos de teatro que atuam no nosso estado, entretanto, em nenhum momento foi citado o grupo ao qual pertencemos. Essa invisibilidade do *Menegazzo Teatros* contrastava com a minha maneira de ver e pensar o teatro no estado do Rio Grande do Sul, despertando em mim um desejo enorme de difundir a história do grupo entre a comunidade acadêmica e, posteriormente, a uma comunidade mais ampla, de modo a propiciar diálogo e reflexão sobre a realidade do teatro que se realiza no interior do espaço, fora do “circuito” que costumamos reconhecer.

Entretanto, no momento em que idealizo o projeto deste Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Teatro e exponho aos colegas da disciplina de Metodologias de Pesquisa sobre o que se trata, recebo algumas críticas. Dizem que meu projeto soa “um tanto egóico”, por se referir às minhas próprias experiências e do meu grupo de teatro. Mas, assim como considera o historiador Paul Thompson (1998, p. 17) que “A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos”, acredito que quem fala do seu mundo, dialoga com e qualquer mundo, e levo adiante minhas ideias e busco objetivar minha pesquisa.

Idealizado a partir das minhas vivências através da minha memória e das memórias dos meus familiares, o presente trabalho propõe um diálogo sobre o “entre”, sobre o trânsito de saberes entre vivências num grupo de teatro e experiências acadêmicas vivenciadas no Curso de Licenciatura em Teatro.

A metodologia adotada na pesquisa inspira-se na história oral, que, segundo Thompson (1998, p. 44), é a história construída em torno de pessoas. Assim como a história que conto e grande parte do meu conhecimento teatral me foram concebidos através da oralidade, adoto esse formato também de escrita.

Para a realização desse processo de recriação do vivido, escolho como colaboradores meus parceiros de grupo: meu pai, João Carlos Menegazzo, minha mãe, Viviane Patrícia Bonafé Menegazzo, e minha irmã, Giovana Menegazzo. Eu posso escolher mais pessoas para tanto, como os integrantes mais antigos do Grupo, mas não o faço em função do recorte de tempo e espaço do meu objeto de estudo. Ou seja, não estou inserida na formação original do grupo, apesar dela reverberar na formação atual. Entretanto, tais reverberações dão-se através dos meus pais, que se encontram no mesmo recorte temporal que eu. Sendo assim, me basta, nesse momento, o meu pequeno círculo familiar.

Apesar de me debruçar sobre esse trabalho com o olhar de pesquisadora, torna-se extremamente difícil o distanciamento dos afetos que a pesquisa envolve, visto tratar-se de algo tão caro e íntimo para mim – minha família. Por assim dizer, é importante salientar que me encontro neste vaivém entre a artista, a pesquisadora e a filha. Sendo uma relação com tamanha intimidade, as entrevistas com os colaboradores da pesquisa acontecem de maneira mais à vontade possíveis, em ambientes comuns e do cotidiano do Grupo.

O trabalho é organizado em três partes: a primeira visa expor a ideia geral da pesquisa, suas motivações e objetivos, bem como a metodologia escolhida e os procedimentos de produção de dados. A segunda traz um apanhado da história do Grupo Menegazzo Teatros, desde seus primórdios, até os dias de hoje. E a terceira e última parte busca refletir sobre os dados produzidos, enfocando o trânsito de saberes entre as diversas experiências adquiridas pela autora e participante do Grupo Menegazzo Teatros dentro e fora da academia.

## 1. A IDEIA DA PESQUISA

Os primeiros *insights* sobre a pesquisa nascem na disciplina de Metodologia do Ensino de Teatro, ministrada pela professora Vera Lúcia Bertoni dos Santos, orientadora deste trabalho. Essa disciplina tem por objetivo propiciar reflexões que contribuam para o desenvolvimento didático pedagógico do futuro profissional do ensino de teatro, bem como ampliar a compreensão de aspectos conceituais, epistemológicos e metodológicos da Pedagogia do Teatro.

Dentre as propostas da disciplina, destaca-se o estudo teórico e prático de diferentes formas de abordagem dramática, teatral ou cênica da educação, tais como o Método Dramático, o Drama, o Jogo Dramático, o Jogo Teatral de Viola Spolin, a Peça Didática de Bertolt Brecht, a sistemática de Augusto Boal, o teatro em comunidades e outras metodologias de criação cênica.

No semestre em que cursei a disciplina, contamos com a participação da professora Mariana Vellinho, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC/UFRGS), que realizava seu Estágio Docente junto à turma. O trabalho proposto por Vellinho consistia na montagem e apresentação de uma “caixa de memórias pessoais”, na qual cada aluno colocasse dez objetos representativos de memórias significativas da infância. Um processo não tão longo, mas muito intenso, no qual confeccionamos as caixas, escolhemos os objetos, fizemos um circuito com as caixas, contamos as histórias referentes a cada objeto escolhido e, por fim, elaboramos um “memorial”: uma produção textual individual na qual contamos a nossa trajetória, buscando compreender onde inicia nosso contato com o teatro e por que escolhemos a licenciatura.

Nessa mesma disciplina, em seguimento aos seu programa, ministro e observo aulas para uma turma de oitavo ano de uma Escola de Ensino Fundamental da Rede Pública<sup>2</sup>. Essa experiência só foi possível graças ao trabalho desenvolvido por outra professora em Estágio Docente pelo PPGAC/UFRGS, a doutoranda Fernanda Marília Gomes da Rocha, que trabalhava como professora de teatro da Escola, e acompanhou a nossa turma. A oficina que ministramos na Escola sob orientação de Rocha foi minha primeira experiência como professora

---

<sup>2</sup> Escola Estadual de Ensino Fundamental Porto Alegre, localizada na Rua João Dallegrove, nº 130, em Porto Alegre/RS.

no ensino regular, ainda que ministrando a aula em dupla; até então, eu só ministrara algumas pequenas oficinas de teatro no interior do estado.

*Arte que Pulsa em Mim* é como nomeio o meu memorial, elaborado a partir da proposta da professora Vellino. No momento em que compartilho minhas memórias com os colegas da disciplina, recebo um *feedback* muito positivo: muitos me dizem que essa história de “família-grupo” precisa ser contada a mais pessoas e que a relação de troca de conhecimento com meus pais pode ser um interessante objeto de estudo.

Na experiência docente vivenciada na escola regular, as ações de observar os outros colegas ministrarem as aulas e discutir sobre elas em grupo, bem como preparar e ministrar algumas aulas e ouvir o retorno dos demais, me fazem cada vez mais desejar estar no ambiente de ensino e atuar nele. Começo, então, a me questionar sobre como era a relação daquele grupo de alunos com o teatro na escola, como parte do currículo; se eles frequentavam ou tinham acesso ao teatro fora da instituição de ensino; o que aquele curto espaço de tempo teatral reverberava nos alunos; se, quando eles saíssem da escola, ainda teriam algum contato com essa arte, ou com algum outro tipo de manifestação artística.

Por essas e outras experiências, considero que o quinto semestre da minha graduação foi um marco na minha trajetória, não só acadêmica, mas também pessoal. É o momento em que eu deixo de *desejar* ser professora de teatro, e passo a *visualizar* a mim mesma como tal.

As experiências citadas anteriormente são de extrema importância na minha trajetória, e simbolizam o início da gestação deste trabalho. A seguir, faço uma narrativa dos acontecimentos que possibilitaram o delineamento da minha pesquisa, para que se entenda de onde estou partindo e onde desejo chegar.

### **1.1. Motivação e objetivos do trabalho**

O meu ingresso na graduação em Licenciatura em Teatro foi a porta de entrada para um novo mundo, distante de tudo que, até então, eu conhecia, desde a mudança de cidade, até um novo fazer teatral.

Durante toda a minha graduação, observo uma grande preocupação por parte dos professores de nos colocar em contato com a prática das artes cênicas, conhecendo e discorrendo, também, sobre diversos grupos teatrais. No entanto, pouquíssimas vezes são mencionados grupos de teatro atuantes no interior do estado, sem ser por minha iniciativa. E, toda vez que eu comento sobre o meu grupo teatral ser constituído pela minha família, recebo os mesmos olhares de espanto, que me motivam a contar essa história.

Essa característica da minha trajetória torna-se muito curiosa, como se eu estivesse indo na contramão em relação aos demais colegas e professores. Trago essa ideia não no sentido pejorativo, mas agraciada por pertencer a uma família que vive de teatro. A maioria dos atores, dos estudantes de teatro, geralmente recebem pouco incentivo dos seus familiares para estudar tal área artística, ou se dedicar a ela, talvez, pelas restrições do nosso mercado de trabalho, pela desvalorização da nossa profissão; e encontram muitas dificuldades de permanecer estudando, diferentemente de mim, que, muito pelo contrário, sempre fui incentivada pelos meus pais, que desejavam muito que eu me dedicasse ao campo do teatro.

Outro motivo do estranhamento das pessoas é o fato de ser algo muito diferente, e até inusitado, um grupo de teatro ser constituído por uma família de sangue. Digo “de sangue” porque todo grupo de teatro acaba se tornando uma família, de amigos, irmãos, atores, que estão juntos em prol de ideais e princípios artísticos em comum.

Na história do teatro brasileiro temos outros casos de artistas, membros de uma mesma família, trabalhando juntos em determinados momentos de suas carreiras, como, por exemplo, a atriz, cantora e diretora de teatro Bibi Ferreira e seus pais, o ator, diretor e dramaturgo Procópio Ferreira e a bailarina argentina Aída Izquierdo. Mas não encontrei registros a respeito de grupos de teatro compostos apenas por membros de uma mesma família, e que desenvolvam um trabalho continuado nessa mesma formação. Talvez uma investigação mais detida sobre a história do teatro, que envolva outros procedimentos, possa indicar outros grupos-família com longas trajetórias, que se assemelhem ao grupo ao qual pertencem. Ciente dessas possibilidades de pesquisa futura, enfatizo os objetivos da

minha pesquisa atual, enfocando o Grupo Menegazzo Teatros, que exemplifica um trabalho familiar, de busca teatral, difusão e resistência artística e cultural no interior do Rio Grande do Sul.

De modo geral, venho cultivando alguns desejos durante o meu percurso como estudante de teatro do Departamento de Arte Dramática (DAD/UFRGS). Alguns deles, são realizados com a escrita deste trabalho e a sua divulgação em diferentes níveis, como, por exemplo, a sua disponibilização na plataforma do LUME<sup>3</sup> e sua apresentação no Painel de Licenciatura<sup>4</sup> do DAD.

Acredito ser meu compromisso, como membro do grupo Menegazzo Teatros, difundir e disseminar a trajetória do nosso grupo teatral, não só à comunidade acadêmica, mas, principalmente a ela, visto que é um dos meios nos quais me encontro inserida. Nosso grupo resiste há 28 anos, atuando no interior do estado do Rio Grande do Sul, com poucos recursos e quase nenhum incentivo. Mas, mesmo assim, é referência cultural na região, produzindo e propagando a arte teatral num lugar tão pobre e carente de oportunidades de apreciação e fruição de produções e eventos de natureza artística.

Além disso, ouvindo os meus colegas da disciplina de Metodologias do Ensino de Teatro, e voltando às questões expostas anteriormente (sessão 1.1), percebo o quanto as trajetórias reverberam nas suas formações como indivíduos, artistas e professores. Essa experiência me fez desejar compartilhar a trajetória do meu grupo, bem como a minha trajetória anterior e fora da graduação e refletir sobre como ela também me forma como atriz e professora de teatro. Este trabalho é, portanto, uma tentativa, de começar a pensar as vivências fora do espaço acadêmico como processo de formação do indivíduo educadora, que está em constante aprendizado.

---

<sup>3</sup> Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tem por objetivo reunir, preservar, divulgar e garantir o acesso confiável e permanente aos documentos acadêmicos, científicos, artísticos e administrativos gerados na Universidade.

<sup>4</sup> Evento realizado anualmente, no qual os alunos da Licenciatura em Teatro apresentam à comunidade acadêmica e ao público em geral os seus Trabalhos de Conclusão de Curso.

## 1.2. Metodologia da história oral

Ao buscar compreender o que é a história oral, encontro duas definições que me chamam atenção. A primeira é fornecida pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC):

A história oral é uma metodologia de pesquisa que consiste em realizar entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea. [...] As entrevistas de história oral são tomadas como fontes para a compreensão do passado, ao lado de documentos escritos, imagens e outros tipos de registro. Caracterizam-se por serem produzidas a partir de um estímulo, pois o pesquisador procura o entrevistado e lhe faz perguntas, geralmente depois de consumado o fato ou a conjuntura que se quer investigar. Além disso, fazem parte de todo um conjunto de documentos de tipo biográfico, ao lado de memórias e autobiografias, que permitem compreender como indivíduos experimentaram e interpretam acontecimentos, situações e modos de vida de um grupo ou da sociedade em geral. Isso torna o estudo da história mais concreto e próximo, facilitando a apreensão do passado pelas gerações futuras e a compreensão das experiências vividas por outros (CPDOC, 2019).<sup>5</sup>

A segunda definição é de um artigo da pesquisadora Maria Cristina dos Santos de Oliveira Alves (2016, p. 03), que considera que “a história oral se caracteriza como uma metodologia de pesquisa que busca ouvir e registrar as vozes dos sujeitos excluídos da história oficial e inseri-los dentro dela”.

Na primeira definição, o autor remete a essa metodologia como uma forma de acessar e refletir um fato passado, na qual o pesquisador faz perguntas sobre uma ocasião já consumada. Na segunda, a autora afirma que os sujeitos das entrevistas são pessoas que participam do fato ocorrido, mas não têm a oportunidade de registro das suas histórias.

O que pretendo com o uso dessa metodologia é, ao contrário da primeira definição, difundir uma história viva, que acontece no presente e, assim como Alves, dar atenção às vozes das pessoas que a fazem acontecer. Utilizo a história oral não como complemento de pesquisa, nem como fonte secundária de estudo, mas, como elemento principal de narrativa histórica, reflexão e análise. Como membro integrante do grupo Menegazzo Teatros, sinto-me autorizada a falar por ele, a narrar sua trajetória, mas acredito que, sozinha, isolada dos demais

---

<sup>5</sup> CPDOC. **O que é história oral**. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral>>. Acesso em: 01 nov. 2019.

elementos do grupo, a minha narrativa de algo que é tão nosso, que é coletivo, não terá apenas uma “cor”, das muitas que podem compor esse quadro, dar visibilidade à nossa história. Por tanto, a história oral, neste trabalho, se dá pelos meus familiares e por mim.

Outra questão que me leva à escolha desse procedimento metodológico é a oralidade. Até eu ingressar na graduação, minha principal fonte de conhecimento teatral era minha família, e a maior parte do meu conhecimento na área, até então, me foi concebido por essa via. Por assim dizer, procuro buscar, também, nesta escrita, a característica oral, na qual são passados saberes e experiências que, muitas vezes, são difíceis de encontrar dentro da academia. Conforme Thompson (1998), pretendo trazer uma história construída em torno de pessoas.

### **1.3. Procedimento de produção de dados: as entrevistas, os sujeitos**

Apesar de contar uma história que resulta e reverbera em minha formação com muitos personagens, escolho para as entrevistas apenas três. Como critério de seleção, uso o recorte de tempo em que me encontro inserida no Grupo Menegazzo Teatros e escolho as pessoas que fazem parte dele comigo: meus pais e minha irmã. E para descrever cada um deles, recorro a dados objetivos, mas também a uma visão particular, mais subjetiva, pessoal, da qual, não tendo como escapar, busco me aproveitar.

João Carlos Menegazzo, 52 anos, homem casado e pai de duas filhas, careca de nariz grande, 1,83m, usa óculos, reside a vida toda na cidade de Casca/RS, possui Ensino Médio completo, descendente de italianos, produz suco de uva na garagem de casa. No grupo, ele é a figura responsável pelo início dessa história toda: trabalha como ator, diretor, produtor e dramaturgo e faz engenhocas virarem cenário ou aparelhos de cena.

Viviane Patrícia Bonafé Menegazzo, 41 anos, mulher, esposa e mãe, cabelos cacheados, óculos verdes, 1,68m, descendente de italianos, natural do estado do Paraná, reside em Casca desde os 17 anos, Ensino Médio completo, atriz, diretora, produtora, dramaturga, empresária e dona de casa. Costura figurinos em

uma pequena máquina de costura na cozinha de sua casa e faz doces como ninguém, responsável pela continuação e profissionalização do grupo.

Giovana Menegazzo, 15 anos, cabelos lisos, descendente de italianos, estudante, Ensino Médio incompleto, “entendedor de tecnologias”, filha e irmã. Amiga e conselheira, coração maior do que ela, responsável pela parte técnica dos espetáculos, opera som e luz.

No livro *A voz do Passado: História Oral* (1998, p. 259), Paul Thompson cita um trecho de um artigo de Roy Hay, que defende duas escolas de entrevistas, com características distintas entre si. De acordo com a primeira escola, a entrevista possui caráter objetivo, geralmente com base em um questionário, ou em uma abordagem extremamente estruturada por parte do pesquisador. Tal abordagem pode ser muito útil, ou pode ser desastrosa aos objetivos de quem pesquisa, pois, os entrevistados são obrigados a ajustar-se ao esquema pré-determinado do entrevistador, correndo o risco de serem interrompidas possíveis linhas de investigação que poderiam ser aproveitadas.

A segunda escola compreende a realização da entrevista de forma a favorecer que o diálogo flua livremente entre o entrevistador e o respondente, sem nenhum padrão fixo, no qual se acompanha a conversa para onde quer que ela vá, descartando ou contornando os fatos sem relevância à pesquisa e seguindo as linhas proveitosas.

Kaufmann (2013) também sugere que se faça para as entrevistas a estruturação de um questionário. Além disso, segundo ele é muito importante que se estude e se conheça os sujeitos objetos de estudo, para que a entrevista possa ocorrer de maneira mais fluida.

As entrevistas da pesquisa junto aos integrantes do Menegazzos Teatros foram realizadas com uma abordagem mista do que esses autores propõem. Elas ocorrem no conforto da casa dos entrevistados, de maneira mais à vontade e aconchegante possível. Nunca de maneira formal ou que a anuncie: – “agora faremos uma entrevista”; mas sempre em tom de conversa em família. Como entrevistadora, deixo-me levar pelo fluxo das conversas e não utilizo um roteiro fixo de perguntas. Como justificativa para essa escolha, trago a seguinte citação:

O argumento em favor de uma entrevista completamente livre em seu fluir fica mais forte quando seu principal objetivo não é a busca de informações ou evidência que valham por si mesmas, mas sim fazer um registro “subjetivo” de como um homem, ou uma mulher, olha para trás e enxerga sua própria vida, em sua totalidade, ou em uma de suas partes (THOMPSON, 1998, p. 258).

Com minha mãe, por exemplo, o diálogo dá-se na cozinha de casa. Ela, está cozinhando o recheio da torta do dia dos pais: abacaxi com canela. Escrevendo isso me lembro do cheirinho que se alastrava pela casa, e fico com água na boca. Enquanto ela mexe a panela no fogão a gás, me sento na mesa de jantar e pergunto se ela se importa que eu ligue o gravador de voz, e ela responde que não; então lhe peço que me conte detalhadamente como se deu sou ingresso no grupo, que, na ocasião, era formado por meu pai e uns amigos. A partir disso, fui questionando e guiando a prosa para questões de meu interesse. No momento em que ela senta à mesa comigo, traz uma travessa com massa de brigadeiro, e começamos a enrolá-los juntas. Suas memórias trazem também narrativas sobre a sua formação de vivência como artista e suas implicações.

Já com meu pai, a conversa ocorre em um domingo à tarde, na sala de estar: ambos comendo pipocas e assistindo à televisão, aguardando o início do jogo do “time da casa”, o Grêmio Futebol Brasileiro Porto-Alegrense, outra paixão que compartilhamos. Questiono o entrevistado sobre como tudo começou, as ideias, as referências, os motivos, porque seguiram, e procuro direcionar a conversa também para questões semelhantes às que fiz à minha mãe.

Com minha irmã a entrevista foi feita de forma mais fragmentada em diversos momentos: num deles estávamos deitadas no sofá, nos outros, conversamos por chamada de vídeo no *WhatsApp*. Em todas as entrevistas aproveito-me da relação íntima-familiar, da confiança e do respeito já estabelecidos, para que a troca se dê naturalmente. Acredito que todas as conversas ocorreram da melhor maneira possível, e foram muito emocionantes.

Por se tratar da minha família, é impossível distanciar-me afetivamente do assunto e observar somente com o “olhar de pesquisadora”. Entretanto, como filha, tenho acesso a informações que certamente outros pesquisadores não têm. De acordo com Thompson (1998, p. 255), quanto mais se sabe, mais provável é que se obtenham informações históricas importantes de uma entrevista. Na minha condição, em contato com a trajetória do Grupo desde criança, pude questionar

assuntos que os entrevistados não contaram em um primeiro momento, por esquecimento talvez, ou por não considerar relevante, o que possibilitou rememorarmos juntos o passado presente.

## 2. HISTÓRIA DE UMA FAMÍLIA-GRUPO

O que atualmente chamamos de Teatro de Grupo evidencia-se no processo de democratização do Brasil, no final do século XX. Segundo o professor Clóvis Massa (2016), um dos principais traços do teatro brasileiro diz respeito a esse fazer teatral coletivo e continuado:

Noção que define a prática teatral continuada de núcleos regulares de trabalho que constituem linguagem própria identificada ao seu fazer artístico, de maneira que são reconhecidos pela sua trajetória e pelo modo como mantém esses princípios presentes ao longo dos anos. (MASSA, 2016, p. 01).

Uma das características desse teatro é não possuir os mesmos moldes de uma companhia teatral. A companhia, funciona com uma logística administrativa, na qual todos têm uma função definida e geralmente são contratados para desempenhar tal papel, ator, figurinista, cenógrafo e assim por diante. No grupo, por outro lado, todos os integrantes cooperam entre si, executando diversas funções, conforme a necessidade, para que o espetáculo possa acontecer; e, quando o espetáculo acaba, essas pessoas continuam juntas, são uma cooperativa. Isso se dá, principalmente pela falta de orçamento – a grande maioria dos grupos não possui infraestrutura ou apoio financeiro. No teatro de grupo, as pessoas trabalham em benefício da obra e não de si mesmos.

A história que vou contar agora, possui os mesmos princípios do Teatro de Grupo, no entanto, ela acontece numa família, que, por esse motivo, denomino “família-grupo”.

### 2.1. O Raízes: fundação de um coletivo de teatro amador

Segundo Silva e Muniz (2012, p. 02), considera-se como grupo de teatro amador, o coletivo de pessoas que se reúne para realizar atividades ligadas ao fazer teatral, sem a finalidade comercial. Eles subdividem esses grupos em quatro tipos, um deles é o *grupo de comunidade*, também chamado de *grupos populares* ou *grupos de periferia*. Esse tipo de grupo, normalmente deixa as questões estéticas em segundo plano e se preocupa mais com o lado lúdico, o riso e as reivindicações da comunidade. É o que se verifica no Grupo Teatral Raízes – formação inicial da qual o Grupo Menegazzos Teatros se origina.

No Brasil, no interior do estado do Rio Grande do Sul, localizado a 236 km de distância da capital, Porto Alegre, há um município muito pequeno, de aproximadamente nove mil habitantes, chamado Casca (figura 01).



(Figura 01) Mapa da região da cidade de Casca.

A pacata cidade é cortada pela rodovia ERS 324, o que a torna um ponto de referência no escoamento de riquezas, e situa-se ao pé da Serra Gaúcha, pertencendo, portanto, às chamadas Rota Turística da Uva e Vinho<sup>6</sup> e Rota dos Trigais<sup>7</sup>. A economia do município gira em torno da agricultura familiar, que produz soja, milho, fumo, leite, entre outros, o que lhe confere o título de “Capital

<sup>6</sup> Região marcada pelo cultivo de videiras, produção de vinhos e espumantes, farta gastronomia e arquitetura típica italiana.

<sup>7</sup> Região marcada pela tradição italiana e polonesa, onde os habitantes ainda mantem os costumes vivos. Além dos trigais que ajudam na economia da região.

Gaúcha do Leite”, com uma produção atual de mais de 58 milhões de litros de leite ao ano (conforme dados do IBGE).

No geral, o município investe poucos recursos na área cultural, e o ramo das artes cênicas não foge a essa regra. Não há escola de teatro, nem oficinas, nem uma casa de espetáculos; e as escolas, públicas ou privadas, não oferecem a disciplina de teatro em seus currículos.

Assim como muitos municípios do Rio Grande do Sul, Casca recebeu uma leva muito grande de imigrantes europeus. A atual população, de aproximadamente nove mil habitantes, é composta por descendentes de italianos (71%), de poloneses (22%) e de outras etnias (07%). Por conta disso, o povo é muito ligado à cultura e tradição de seus antepassados, mantendo até os dias de hoje as línguas em dialeto e outros costumes.

Os habitantes não estão concentrados na área urbana, devido à agricultura. No interior do município de Casca, em meio às lavouras, existem pequenas comunidades de moradores, mais conhecidas como Capelas, fazendo alusão as igrejas existentes nas comunidades.

Na capela Santo Antônio Silva Jardim, nasce João Carlos Menegazzo (foto 1), no dia vinte e dois de janeiro de mil novecentos e sessenta e sete.



Foto 1. João Carlos Menegazzo caracterizando-se para uma apresentação.

Na infância, João trabalha com seus pais nas lavouras de fumo e milho, ao mesmo tempo em que estuda em uma escola muito pequena, situada na própria comunidade. Na adolescência, ele começa a participar do Grupo de Jovens da sua capela.

Em municípios do interior do Rio Grande do Sul, é muito comum nos depararmos com Grupo de Jovens diretamente ligados à Igreja Católica, funcionando em salões paroquiais, cujo objetivo é reunir os jovens das comunidades para confraternizações, danças e brincadeiras. Uma das atividades nas quais esses grupos se envolvem anualmente são encontros regionais, com gincanas nas quais são solicitadas várias tarefas, que precisam ser cumpridas valendo pontos. Uma dessas tarefas é a montagem de uma esquete teatral, com encenação de uma passagem bíblica. Nesse momento, a maioria das pessoas

costuma ter inibição de se apresentar diante do grande público, mas João, pelo contrário, sempre é o primeiro a tomar iniciativa.

Com espírito de diretor, o jovem convida outros jovens para participar de uma esquete, designa seus papéis e cria uma narrativa para a história a ser contada. Por conta dessa prova, ele e seus colegas, conquistam o primeiro lugar na gincana. Assim, as diretorias das comunidades passam a convidar João e seus amigos para apresentar-se também em outras datas festivas, como dia das mães, dia dos pais, páscoa e natal. Sem recursos financeiros e sem conhecimentos mais aprofundados em teatro, João e seus colegas de grupo desdobram-se para atender os convites recebidos, preparando diversas esquetes teatrais. Em função dessa forma imediata de resolver os desafios encontrados nessa preparação, eles passam a intitular-se Grupo Teatral do Jeito que Dá, um nome auto-explicativo. Com isso, os jovens vão adquirindo experiência e passam a fazer trabalhos cada vez mais elaborados, dentro das suas limitações, e mais extensos, como a encenação da crucificação de Jesus, com aproximadamente uma hora de duração.

Na entrevista, João Menegazzo narra as peripécias do grupo na elaboração de uma das esquetes que ele e seus colegas apresentam na época:

Nós fizemos uma apresentação, que eu não me lembro exatamente do que era. Sei que nós íamos comer numa mesa, e aí eu passava mal, eu ia no médico e ele dizia que eu tinha alguma coisa na barriga, que eu tinha que ser operado. E aí eu usava uma camisa de botão e por baixo uma lata, dessas de tinta, aberta, que formava uma faixa que cobria a minha barriga assim. E aí eu deitava na mesa e eles pegavam aquele cerrote antigo de duas pontas, aquele de puxar sabe, e estava abotoada a camisa, e eles pegavam o cerrote um por lado e saía faísca de fogo porque era lata sabe. As pessoas no público tudo gritando e dizendo... E aí de repente, fazia a operação daí abria a barriga assim, aí como eu estava deitado eles entravam com as mãos pelo lado e começavam a tirar coisas pra fora. Aí tiravam umas tripas de galinha, sei lá, não me lembro direito, puxavam umas tripas, aí depois desciam de novo e embaixo da mesa dentro numa caixa tinha um coelho, vivo, aí puxava pra cima um coelho e botava em cima da barriga. Quem estava assistindo se mijava de dar risada. Só que fizeram isso comigo um dia e me amarravam de verdade assim as mãos e os pés porque não tinha anestesia, era tudo a seco; Aí botaram o coelho em cima aqui (da lata) e não tinha problema, só que o coelho começou a dar aqueles pulinhos e veio em cima do peito e com as unhas começou a me arranhar, começou a me doer pra caramba. E ninguém via de tirar o coelho de lá, e a cena seguia e eu lá amarrado e o coelho que fazia aqueles pulinhos (MENEGAZZO, João, 2019).

A leitura dessa narrativa leva a pensar sobre as referências do trabalho desses jovens atores, inseridos no interior do estado, praticamente sem contato

com o meio teatral. As palavras de João Menegazzo indicam uma formação autodidata, feita na informalidade, a partir de poucos elementos, que ele bem soube aproveitar:

Eu nunca tive nada de curso ou alguém que me ensinou. Sempre me pediam para fazer as apresentações e eu me sentia bem em fazer. Eu me inspirava em alguns livros, qualquer livro que contasse uma história, para criar personagens, contar outras histórias. Livros que eu podia pegar na biblioteca e também contos populares, lendas e piadas. Seguia minhas ideias, como na época não havia internet, televisão pegava mal, somente um canal que era a Globo. Minhas referências eram se inspirar nas pessoas, na vó, no tio, no vizinho, no jeito de andar, no que era engraçado naquela pessoa (MENEGAZZO, João, 2019).

No ano de 1991, João e seus colegas já estão envolvidos com várias esquetes e peças de curta duração, quando recebem o primeiro convite para participar do IV Festival Gaúcho de Teatro Amador<sup>8</sup>. Naquele ano, a fase regional do Festival foi realizada na cidade de Passo Fundo/RS, sendo promovida pela Federação Gaúcha de Teatro Amador do Rio Grande do Sul (FETARGS), em parceria com o Instituto Estadual de Artes Cênicas (IEACEN) e apoio do Governo do Estado do Rio Grande do Sul e das prefeituras dos municípios participantes. Como jurados, teve Roberto Menghini (diretor de teatro de Curitiba/RS) e Ronald Radde (diretor de teatro de Porto Alegre/RS).

O Festival exigia dos grupos participantes um espetáculo com, no mínimo, 45 minutos de duração, e, para cumprir essa regra, o grupo seleciona algumas esquetes e tece uma ligação entre elas, dando origem à peça *I Pensieri Del Pupà*, escrita pelo próprio João, em dialeto vênето italiano, cuja montagem durava aproximadamente uma hora.

*I Pensieri Del Pupà*, que [em língua portuguesa] quer dizer As Preocupações do Meu Pai, contava a história de uma menina que estava ficando velha. O pai dela estava ficando preocupado porque queria casar ela, aí do nada surge uma pessoa pedindo informação na casa e o pai obriga essa pessoa a se casar com a filha. Aí eles fugiram e no final da história ela voltou grávida pedindo socorro para o seu pai. Dessa gravidez vem o neto, que nasce no palco. Fizemos a cena do parto no palco. Para isso, não sei como chama, mas fizemos tipo uma mesa, grande que no final tinha um buraco. A pessoa que estava se passando por grávida ficava coberta por um cobertor, e debaixo da mesa ficava uma pessoa que nascia saindo do buraco. Todos riam porque era um bebê imenso (MENEGAZZO, João, 2019).

---

<sup>8</sup> O Festival Gaúcho de Teatro Amador é um evento que reúne produções artísticas teatrais em destaque no estado do Rio Grande do Sul. A 18ª e última edição ocorre em 2007.



Foto 02: Foto do espetáculo *I Pensieri Del Pupà*, 1991. João Carlos Menegazzo à esquerda e Gilmar Canozza à direita.

Outra exigência do Festival era que o grupo se identificasse por um nome, o que motivou João e seus parceiros a questionar o uso do nome anterior, “Do Jeito que Dá”, que poderia desmerecer o trabalho apresentado, substituindo-o por “Grupo Teatral Raízes”, escolha feita em alusão à sua proposta de valorização das raízes e da cultura da colonização italiana. Com a peça *I Pensieri Del Pupà*, o Grupo Teatral Raízes vence a fase regional do Festival, na cidade de Passo Fundo (RS), sendo contemplado com os prêmios de melhor ator, diretor e espetáculo (fotos 3 e 4).

A sensação desses jovens, advindos de um lugar completamente desconhecido, ao chegar às finais de um Festival tão importante, é descrita por João:

Nós fomos para o festival, sem conhecer praticamente nada. Com bastante medo da repercussão, porque nós falávamos tudo em italiano e sabíamos que a maioria das pessoas não ia entender o que queríamos dizer. Quando começou a apresentação dos outros grupos ficamos com mais medo ainda, porque eles eram muito bons, nunca vimos nada parecido. Tínhamos medo de sermos vaiados no palco porque o festival começou na terça-feira e ia até o domingo, e nós só íamos nos apresentar no sábado. [...] As peças que vinham antes de nós eram aparentemente boas, tínhamos vontade de desistir, ir embora. Foi a primeira vez que assistimos outros grupos de teatro. Antes disso eu só havia assistido as apresentações dos grupos de jovens e uma peça profissional do grupo de Caxias do Sul/RS, o Misericoloni, que se apresentou em Casca/RS, no

final dos anos 1980. Na nossa apresentação, o local estava quase lotado, em torno de umas 400 pessoas assistindo, dessas, acredito que umas 350 não entendia o que a gente falava. Os jurados também quase não entendiam nada, mas mesmo assim o nervosismo foi só no início da peça, depois nos soltamos. Ao final fomos aplaudidos de pé, por todos. Na avaliação dos jurados eles disseram que não precisavam ter entendido uma palavra, mas conseguiram entender tudo o que estava acontecendo, e isso foi fundamental (MENEGAZZO, João, 2019).

O grupo vence a fase regional em Passo Fundo, com os prêmios de melhor texto e espetáculo, melhor ator revelação, melhor direção, prêmio destaque pela criatividade, processo de trabalho, resgate cultural e cena final.

Nas finais do Festival, realizadas no município de Erechim (RS), o grupo foi convidado a participar do programa de televisão Jornal do Almoço, exibido pela emissora regional afiliada da Rede Globo. A montagem recebe destaque pelo processo de trabalho, resgate cultural, e cena final.

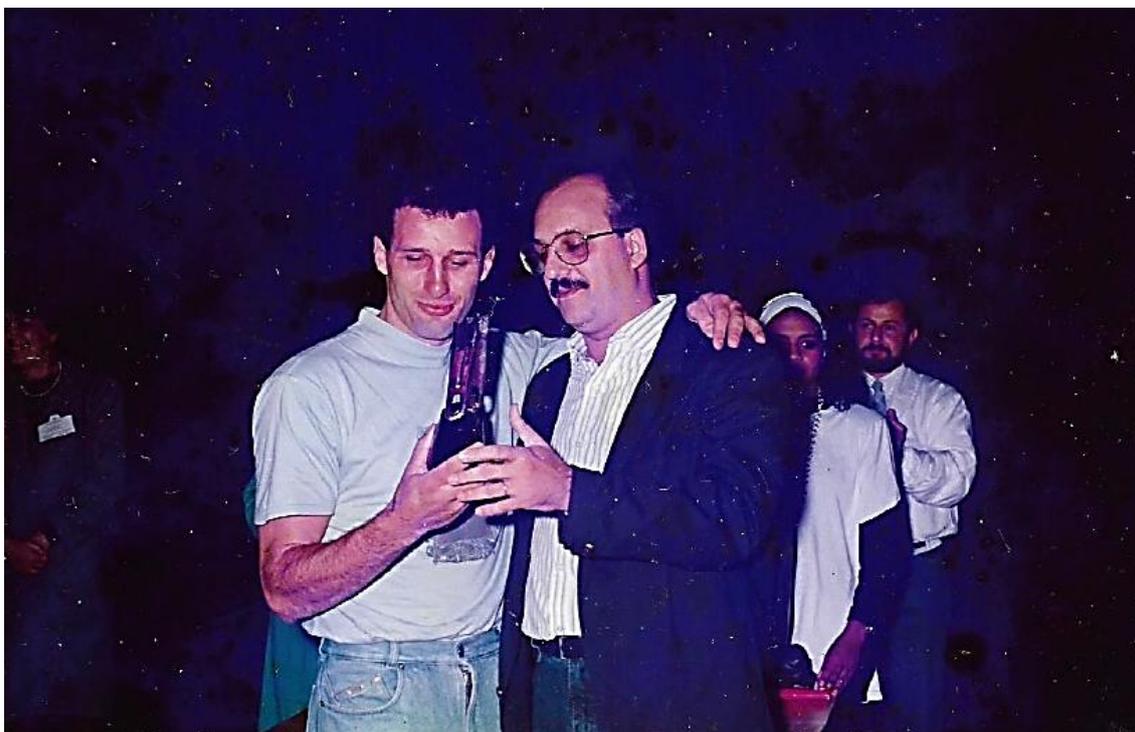


Foto 3. João Carlos Menegazzo (à esquerda) recebendo prêmio de melhor ator pelas mãos do então prefeito, Airton Dip, da cidade de Passo Fundo/RS, na fase regional do IV Festival Gaúcho de Teatro Amador, Passo Fundo/RS, 1991.



Foto 4. O Grupo Teatral Raízes, com um dos jurados do IV Festival Gaúcho de Teatro Amador recebendo a premiação, Passo Fundo/RS, 1991. Da esquerda para direita, respectivamente, Gilmar Canozza, Lucimar Frison, Solacir Zanetti, Roberto Menghini, João Carlos Menegazzo e Roberto Menegazzo.

A peça recebe muitas críticas construtivas e elogios; e o reconhecimento pelo trabalho do grupo fez com que ele fosse convidado a se apresentar em outros municípios da região. Assim, seus integrantes passam a estabelecer uma rotina de ensaios: duas vezes por semana, sempre à noite, pois, durante o dia, todos trabalham nos afazeres da agricultura.

No início das atividades do grupo, seus integrantes recebiam, como forma de pagamento, apenas o valor do transporte e da alimentação. Mesmo não obtendo lucro algum, o objetivo do grupo naquele momento é a divulgação do trabalho, já que se trata de um grupo amador. O transporte é realizado por uma Kombi alugada e também através de ônibus rodoviário. Normalmente, a viagem de ida e volta entre os municípios, é feita no mesmo dia, pois não há dinheiro para pagar hospedagem.

Mesmo com poucos recursos, o grupo adquire um material de iluminação portátil, constituído por oito canhões (par de 1000W e gelatinas coloridas), e um aparelho 3 em 1<sup>o</sup> comum, para fazer a sonorização. Um dos integrantes do grupo fica responsável por operar luz e som. Como mesa de

---

<sup>9</sup> Rudimentar aparelho de som, que contém toca fitas, rádio e toca discos, por isso o nome 3 em 1.

operação da iluminação, João adaptou tomadas de luz numa engenhoca (Foto 5), que foi roubada do grupo em uma ocasião; e depois tornou a fazê-la, com interruptor (tipo “bananinha”) usado em abajur, para ligar e desligar as luzes. Essas aquisições, foram muito importantes para o grupo, visto que, a maioria dos locais que recebiam a apresentação, não possuíam estruturas básicas para comportar o espetáculo – o que é recorrente, infelizmente, até os dias de hoje no interior do estado do Rio Grande do Sul.



Foto 5. Roberto Menegazzo operando sistema de luz e som produzido e utilizado na época.

Com o passar do tempo, o grupo começa a se deslocar para municípios cada vez mais distantes, ampliando suas atividades, cobrando cachês um pouco maiores, que são divididos em partes iguais entre todos os seus integrantes, guardada uma parte para finalidades do grupo, como a confecção de uniformes de identificação do grupo (foto 6), maquiagens, cenários e figurinos (muitos eles feitos com as próprias roupas típicas dos italianos), dentre outros gastos.

A maneira de como as produções do Grupo Teatral Raízes eram levantadas e apresentadas pode ser relacionada, guardadas as devidas proporções, à *Commedia Dell'Arte*, uma forma de teatro popular originária da Itália, em meados do século XVI. Uma de suas características dessa forma teatral é a criação coletiva dos atores, que elaboram um espetáculo improvisado, tendo como base o

*Canovaccio* (espécie de roteiro). Outro aspecto marcante é que a grande maioria dos grupos deslocava-se em carroças ou pequenos veículos rudimentares e se apresentam pelas ruas da cidade; e geralmente o meio de transporte transformava-se em palco para as apresentações. Por esse motivo, os grupos restringiam-se a transportar somente o essencial, recorrendo ao imaginário, “faz-de-conta”, para ressignificar objetos de cena.

Da mesma maneira, observo que, no trabalho do Grupo Raízes, tudo o que seus integrantes necessitam para fazer acontecer os espetáculos, tinha de caber numa Kombi, veículo que eles costumavam alugar, ou no porta-malas de algum carro que conseguissem emprestado. Como menciona João, tratava-se de “por [o espetáculo] embaixo do braço, e os pés na estrada”. Sem recursos e sem patrocínio, eles não dispunham de materiais de cena elaborados: tudo era muito simples e rústico. O que leva a pensar que a beleza dos seus espetáculos estivesse justamente nessa singeleza.



Foto 6. Grupo Raízes uniformizado. Da esquerda para a direita, respectivamente, Jauri Centenaro (motorista da Kombi), Lucimar Frison, Roberto Menegazzo, Gilmar Canozza, João Carlos Menegazzo, Solacir Zanneti.

O tempo vai passando e, nos anos de 1993 e em 1995, eles participam de mais duas edições do Festival Gaúcho de Teatro Amador. Além desse festival, participam também do Festival de Teatro de Ronda Alta, evento local da cidade de

Ronda Alta/RS, ocorrido em 1994. De 1991 até 1995, o grupo se destacou por fazer apresentações teatrais locais, regionais e em distâncias de até 350km da cidade de Casca/RS.

No Festival de 1991, cria-se uma grande amizade entre João Menegazzo e Roberto Menghini, que o convida para ir à Curitiba/PR, onde residia, para buscar um texto teatral, escrito por Menghini. Lá chegando, João recebe é presenteado pelo amigo com o texto, e é surpreendido com um convite para ficar. Menghini quer que João resida lá e trabalhe com ele, fazendo minisséries para a Rede Globo. Por mais feliz que fica com o convite, João não tem incentivo nem apoio dos seus amigos, e principalmente de sua família. Todos têm muito medo que ele largue tudo para se aventurar tão distante. João recusa o convite, mas, retorna da capital do Paraná, agraciado com um belo texto teatral e cheio de vontade de realizar a montagem de mais uma peça.

Essa peça, chamada *Deu A Louca Na Família*, tinha personagens femininos, o que motivou a entrada de mulheres no Grupo Teatral Raízes. Uma delas era irmã de um dos integrantes, Lucimara Frison, e, a outra, uma colega de escola dos jovens (lembrada apenas pelo primeiro nome: Lurdes), que permanece pouco tempo entre eles, pois, faltando menos de dois meses para a estreia da peça, decide abandonar o Grupo.

Diante da desistência de Lurdes, o grupo decide realizar uma seleção para preencher a vaga feminina deixada por ela, e João pede a ela que se encarregue de divulgar a seleção entre as suas colegas de escola. E assim se fez. Quem demonstrou interesse pela vaga, e participou da seleção do grupo, foi a jovem Viviane Menegazzo: minha mãe, que traz o seu ponto de vista sobre o ingresso no grupo.

Eu morava no Paraná e o meu pai resolveu ir para o Rio Grande do Sul para montar uma fabriquinha de pré-moldados. Quando eu saí de lá, eu estudava na terceira série do Segundo Grau, por isso tive que terminar o ano em Casca, onde passamos a morar. No colégio eu conheci uma menina, que se chamava Lurdes, que fazia teatro no Grupo Raízes. Ela me disse que estava saindo do grupo e me perguntou se eu não queria entrar, e eu falei que sim, que eu gostaria de entrar e conhecer, para saber como era. E aí teve uma seleção, um teste, e eu passei, e comecei a fazer parte do grupo (MENEGAZZO, Viviane, 2019).

Da mesma forma que João, lá no início da formação do grupo, Viviane não possuía qualquer contato ou experiência formal na área teatral, salvo as

apresentações de escola. O que a levou, então, a querer participar do grupo? Ela nos conta em um trecho da entrevista:

Na verdade, quis entrar no grupo porque eu queria me enturmar. Eu recém tinha chegado, estava sozinha e sentindo falta dos meus amigos, não tinha eles aqui. Então para eu tentar preencher meu tempo livre com algo e não sentir tanta saudade eu resolvi entrar no grupo, fazer alguma coisa. (MENEGAZZO, Viviane, 2019)

Nesse mesmo ano, 1995, João é convidado a organizar a fase regional do Festival Gaúcho de Teatro Amador, que ocorreria na cidade de Casca. Logo, ele entra em contato com a Federação Gaúcha de Teatro Amador do Rio Grande do Sul (FETARGS) para saber como proceder. A organização exige dele um levantamento de custos e despesas, que repassou ao prefeito da cidade de Casca/RS, Maurílio Rodrigues de Silva na época. Seu orçamento foi aprovado, e gerou um repasse de recursos para a realização do evento. Essa fase regional, teve como jurados João Castro Lima, Sonia Pelegrino e Ciça Reckziegel, essa última, atual professora do Departamento de Arte Dramática (DAD) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Para essa edição do Festival o Grupo Teatral Raízes decide apresentar seu mais novo trabalho, *Deu A Louca Na Família* (foto 07), com o qual O Grupo, vence a fase regional e novamente vai às finais do Festival<sup>10</sup>, na cidade de Erechim/RS.

---

<sup>10</sup> O folder dessa edição do Festival encontra-se nos Anexos deste trabalho.



Foto 07: Foto do espetáculo *Deu A Louca na Família*, 1995. Da esquerda para a direita, respectivamente: Lucimara Frison, Viviane Menegazzo, João Carlos Menegazzo.

Viviane, conta como era a rotina de ensaios do grupo:

Nós nos encontrávamos duas vezes por semana na Casa da Cultura, aqui em Casca. Primeiro a gente sentava, tinha uma roda de conversa, na qual avaliávamos e líamos o texto, chegávamos num acordo comum de como seria a melhor maneira de fazer. Depois vinha o ensaio prático e íamos montando cena por cena. Quem dirigia era o João, que era ator, diretor, cenógrafo... no início eu só atuava (MENEGAZZO, Viviane, 2019).

Em 1996, os olhares de João e Viviane se cruzam para além da cena: eles começam a namorar. Nesse mesmo ano, João abre sua primeira empresa de teatro, a *Raízes Produções Artísticas e Culturais*. Até então: um grupo de Teatro Amador. Dali em diante: um grupo profissional.

João toma a iniciativa de abrir a empresa, pois até então as prefeituras, que só exigiam recibos das apresentações, passam a exigir nota fiscal; e os grupos, para serem contratados, precisavam possuir Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ). Como estratégia de venda João entrava em contato com as secretarias de educação e cultura dos municípios, oferecendo os espetáculos do Grupo. Entretanto, a comunicação era muito difícil:

Na época, na comunidade onde eu morava, foi instalado um ramal telefônico, que era via uma central telefônica da cidade, na qual tinha

uma telefonista para mais de 500 telefones ligados nessa central. Então às vezes, como a gente não tinha dinheiro, tinha que escolher o horário em que a tarifa era menor, que era das 8h30 até às 9h e da 13h30 até às 14h, então eu tinha meia hora de manhã e meia hora de tarde para fazer as ligações. Eu ligava nas prefeituras dos municípios, sempre nas secretarias de educação e cultura e oferecia as apresentações, só que tinha dias que eu não conseguia fazer nenhuma ligação, porque eu ligava na central e pedia a ligação, mas até conseguir passava do horário em que era mais barato, aí eu desistia e deixava para outro dia, porque eu não tinha dinheiro para pagar o horário comercial (MENEGAZZO, João, 2019).

## **2.2. A Menegazzo Teatros: formação de um núcleo profissional**

No final dos anos 1995 e início de 1996, O Grupo Teatral Raízes continuava se apresentando regularmente, mas, a rotina de trabalho dos seus integrantes se torna cada vez mais problemática. Eles não conseguiam mais conciliar os horários de ensaio, de modo a possibilitar que todos estivessem presente. Quando João marcava uma apresentação, alguns integrantes reclamavam, pois já haviam marcado outros compromissos; outros tinham mudado de cidade, passando a ter dificuldades de se deslocar para apresentar, ensaiar ou resolver as questões do grupo. João passou a sentir-se muito exigido, pois era responsável por toda a parte da produção e pelo pagamento dos cachês, que passaram a ser maiores do que podia ser pago pelo Grupo. Esses e outros fatores contribuíram para que João acreditasse que não havia mais como seguir com o grupo inicial.

Por conta disso, João decide criar sua primeira dramaturgia para crianças: *A Onça e o Bode* (foto 08), escrita em 1997. O texto conta a história de um amor impossível entre dois animais, e a sua encenação envolveu somente os dois personagens, sendo criada para que ele e Viviane conseguissem se apresentar independentemente dos demais atores do grupo. Assim, acompanhados apenas por Roberto Menegazzo, irmão de João, que assumia a parte técnica da montagem, operando a sonoplastia e a iluminação da montagem, João e Viviane passaram a apresentar o espetáculo em escolas da região, num sistema de venda de ingressos por bilheteria: as professoras recolhiam um valor simbólico de cada aluno e o repassavam à produção no final do espetáculo.



Foto 08: Foto do espetáculo *A Onça e o Bode*, 1998, João Carlos Menegazzo à direita e Viviane Menegazzo.

Em maio de 1997, João e Viviane se casam, constituindo um núcleo familiar que une interesses profissionais e sonhos em comum (foto 09).



Foto 09: Viviane e João, 03 de maio de 1997, Igreja Matriz de Casca/RS.

Recém-casado, e decidido a montar espetáculos com elenco mais restrito, João começa a busca por novidades dramáticas que satisfizessem esse interesse. Como no interior do estado as opções de trabalho são reduzidas, ele passa a realizar viagens à capital, Porto Alegre, por meio de caronas com o Prefeito Municipal de Casca.

Na capital gaúcha, João frequenta o Acervo do Teatro de Arena<sup>11</sup>, tendo acesso aos arquivos de textos lá armazenados: revira os arquivos em busca de novas dramaturgias para os espetáculos do Grupo. Como não há tempo suficiente para se demorar na leitura, ele lê apenas as sinopses dos textos, selecionando e copiando<sup>12</sup> os textos do seu interesse. Ele costumava retornar à Casca com muitos textos “embaixo do braço” e “ideias borbulhando”. Assim, conhece outras pequenas peças, também com dois personagens, que são encenadas por ele e por Viviane, parceira de cena e esposa.

A parceria entre o casal torna-se mais evidente e fortalecida pela relação entre eles, até que as atividades do Grupo Teatral Raízes se encerram. No ano 2000, o grupo se desfaz, João fecha a empresa.

Com *A Onça e o Bode*, o casal apresenta-se em mais de 200 municípios, até que a peça se torna tão conhecida que eles passam a ter dificuldades de venda. João decide, então, fazer adaptações no texto original, e a peça passa a chamar-se *Aconteceu na Floresta*: espetáculo que foi contemplado em um projeto via Lei Rouanet<sup>13</sup>, em 2002, o que possibilitou levar a montagem a outras dezenas de municípios. Com o dinheiro recebido, o casal de atores, que até então vive de aluguel, consegue pagar grande parte da sua casa própria.

No ano de 2005, João abre outra empresa, com o nome Menegazzo Teatros LTDA:

Resolvemos abrir outra empresa porque sentimos necessidade, as prefeituras exigiam. Entramos em acordo de não ser mais Raízes porque não fazia mais sentido esse nome. Nós não queríamos só resgatar cultura e ficar no passado. Foi pensado muito, resolvemos colocar o nosso

---

<sup>11</sup> Localizado no centro de Porto Alegre/RS, o Teatro de Arena é símbolo de resistência ao regime da ditadura militar. Um porão nas escadarias da Avenida Borges de Medeiros, com mais de cinquenta anos, abriga um acervo com dezenas de textos, incluindo alguns censurados pela ditadura.

<sup>12</sup> A copiadora ficava bem perto do Teatro, na descida das escadarias do Viaduto da Avenida Borges de Medeiros.

<sup>13</sup> Lei federal de incentivo à cultura.

sobrenome, porque agora era um grupo da família (MENEGAZZO, João, 2019).

De 2000 a 2005 o Grupo seguiu com algumas apresentações, mas o trabalho mais intenso de João foi ministrando oficinas de teatro, outra atividade à qual ele se dedica, de forma autônoma<sup>14</sup>. Os recursos advindos do trabalho do Grupo, além de destinarem-se à subsistência da família, são empregados na melhoria das condições de trabalho do grupo, que busca economizar uma parte dos ganhos para a compra e manutenção de equipamentos para as apresentações, como caixas de som, amplificador, torres para iluminação, painéis, dentre outros itens.

Perguntado sobre “como começou a dar aulas de teatro”, João diz que nem mesmo ele sabe, mas que tudo começou quando ele foi convidado a ministrar uma oficina para os professores da cidade de Fagundes Varela/RS, durante dois dias. João lembra de ter sido chamado para uma apresentação de teatro nessa cidade, e de ser convidado, pela então Secretária da Educação, a dar aulas para professores. Segundo ele, a proposta o deixou receoso, mas Viviane o incentivou a aceitar o desafio.

Ele conta que não sabia o que passar aos alunos da oficina, e resolveu se basear no material que recebera de Roberto Menghini, numa oficina de uma semana que cursou com o diretor, no ano de 1991.

A oficina ministrada por João faz sucesso e, a partir dela, ele passa a ministrar oficinas para outros professores, em outras cidades. Em 2003, ele passa a ministrar, também, oficinas para crianças. No início, somente reproduzia o que havia aprendido em suas experiências. Depois, com a possibilidade de acesso à internet começou a buscar mais informações e subsídios.

Quando era oficina de construção de peças, eu não reproduzia, mas passava baseado já na minha trajetória, como eu achava que tinha que ser. Lia tudo que eu encontrava na internet, buscava muitos jogos também (MENEGAZZO, João, 2019).

No final do ano de 2005, início de 2006, João assiste a um comercial televisivo que anuncia um curso profissionalizante de teatro, oferecido aos sábados, na cidade de Passo Fundo/RS. O curso era coordenado pelo Sr. Evaldo

---

<sup>14</sup> Ele assina essas oficinas como pessoa física, e com fornecimento de Recibo de Pagamento Autônomo (RPA).

Lemos, diretor de novelas Rede Globo; e a sua proposta previa que, ao final das atividades, os participantes realizassem uma prova para a obtenção do Documento de Registro Técnico (DRT)<sup>15</sup>. João e Viviane viram ali uma excelente oportunidade de aprendizagem e profissionalização, mas não dispunham de condições financeiras suficientes para viabilizar a participação dos dois. Assim, apenas João se inscreve no curso, passando a frequentar as aulas com dedicação, e repassando os conhecimentos aprendidos à sua companheira.

Contada assim, dessa forma, essa história é muito bonita, parece até saída de um conto de fadas. Mas ela não é bem assim. Durante toda sua história, João sua família e seu grupo enfrentaram inúmeras dificuldades. Quando eu o questiono sobre isso, João diz:

Minha maior dificuldade era o pouco poder de investimento, comunicação, filhos pequenos, a mulher apresentar grávida, depois amamentando. Decidi seguir porque eu acreditava que era uma forma de ganhar dinheiro fazendo uma coisa que eu gostava de fazer. Tem fases boas e fases ruins, a roda gira, o importante era não pensar em desistir, às vezes faltava, mas era prazeroso. Dificuldade também de escrita de texto, com máquina de escrever velha, escrevia num rascunho a caneta, depois transcrevia na máquina, aí no meio da página saía uma letra errada e tinha que arrancar a página e começar tudo de novo, não tinha xerox, copiadora nada. [...] Mas, acredito que a maior delas é ser interior, onde a maioria das pessoas, se sabe, sabe pouco o que é teatro, se as pessoas perguntam o que a gente faz na vida, do que ganha dinheiro, ou elas se admiram ou não entendem. Até hoje, é a maior dificuldade, somos maus vistos. Ir num município apresentar e não ter público, não ter conhecimento, poucas oportunidades. Já pensei em desistir, mas sempre se tem esperança de que um dia mude, que as pessoas deem mais valor e oportunidades, e a gente consiga fazer bons trabalhos e ser reconhecidos (MENEGAZZO, João, 2019).

### **2.3. Novas parcerias**

Uma data especial na vida do casal Menegazzo é o dia primeiro de maio, Dia do Trabalhador, do ano de 1998, quando nasce a primeira filha da família, que vem a este mundo no hospital Santa Lúcia, da cidade de Casca/RS, numa noite muito fria de outono, pesando três quilos e quinhentos gramas, e que foi batizada com o nome de Thaini Menegazzo (foto 10). Ou seja, a própria autora deste trabalho, que passa agora a contar essa história em primeira pessoa.

---

<sup>15</sup> Registro junto ao Ministério do Trabalho requerido para exercer profissões regulamentadas por lei.



Foto 10: Viviane segurando Thaini, ao fundo o pai João e as duas primas Emanuela e Gabriela. 01 de maio de 1998, Hospital Santa Lúcia, Casca/RS.

Começo a frequentar teatro, dentro da barriga da minha mãe, Viviane. Quando ela dá à luz, as coxias passam a ser um ambiente familiar a este bebê que vos fala. Visto que, recém-nascida não posso ficar longe do seio materno, minhas avós, às vezes uma, às vezes a outra, viajam conosco e me dão colo e companhia enquanto o espetáculo ocorre. Choro muito até me acostumar com o volume daquele barulhão e com as luzes fortes. Então, seguidamente faço com que minhas velhinhas saiam correndo comigo nos braços, para longe da cena, para desespero delas.

A minha inserção nessa rotina dá-se com muita naturalidade. Logo me acostumo às viagens, aos barulhos estranhos, às muitas pessoas reunidas. Meus pais fazem o possível para estarem sempre presentes em minha criação. As faltas no colégio, justificadas, não se tornam um problema, e cresço aprendendo a ser itinerante.

Em 2006, João consegue guardar uma boa quantia em dinheiro, e adquire seu primeiro computador. Até então, ele escrevia as dramaturgias em uma máquina de escrever antiga, e com microfones auriculares, que permitiam a ele isolar dos ruídos da casa. Nesse computador, ele escreve a peça infantil *Meu Futuro*

*É Agora* (foto 11), que conta a história de três crianças amigas, que brincam juntas e passam por alguns problemas envolvendo drogas e o cuidado com a natureza.

Sim, trata-se de uma peça com três personagens. Afinal, eu chegara aos oito anos de idade, e João confiava que eu pudesse fazer a minha estreia no grupo, ganhar um texto, com um personagem, com falas, figurino, maquiagem e microfone.



Foto 11: Foto da peça *Meu Futuro é agora*, 2006. Da esquerda para a direita, respectivamente, Viviane Menegazzo, Thaini Menegazzo e João Carlos Menegazzo.

Na peça *A Onça e o Bode*, eu já apareço em cena, trajada com o figurino de oncinha (foto 12), com uma marcação a cumprir: entro no final da peça, recolho a cesta e a toalha do piquenique e saio de cena. Além disso, a partir dos meus oito anos, passo a operar som e luz de outras peças do Grupo, no lugar do irmão do João, meu tio Roberto, logo, ele deixou de participar das nossas apresentações. Mas, a minha primeira personagem é um marco muito importante em minha trajetória.



Foto 12: João, Thaini e Viviane, respectivamente, figurinados para a peça *A Onça e o Bode*, 2002.

Aos meus seis anos de idade, no dia treze de julho de 2004, nasce minha irmã, Giovana Menegazzo (foto 13), a quarta integrante da família, que, mais tarde, também começa a ajudar o Grupo em seus espetáculos, fazendo pequenas participações na peça *Meu Futuro é Agora*. Hoje, com 15 anos, já no Ensino Médio, ela segue apenas operando sonorização e iluminação, pois não gosta de estar em cena e, todos nós, João, Viviane e eu, respeitamos essa escolha.



Foto 13: Viviane segurando Giovana, ao fundo o pai João e a irmã Thaini. 13 de julho de 2004, Hospital Santa Lúcia, Casca/RS.

Desde criança, minhas grandes paixões são viajar e me apresentar, cada vez em um lugar diferente, pra crianças diferentes, receber o abraço delas depois da peça, e, depois, ir para escola e contar aos meus amigos sempre uma experiência nova e diferente.

Na minha cidade, as escolas de ensino regular não oferecem a disciplina de teatro como componente curricular, e tampouco oferecem oficinas de teatro, em caráter extraclasse. Hoje percebo que eu só fiz teatro por causa da minha família. Crescer no meio teatral, sendo amamentada nas coxias, fez o teatro se tornar uma grande paixão, e fez com que se estabeleça uma ligação muito forte entre nós dois –

o teatro e eu – às vezes eu brinco, dizendo que não fui eu quem escolhi o teatro, mas que foi ele que me escolheu.

Já na oitava série do Ensino Fundamental, passo a querer cursar Artes Cênicas na Universidade Federal de Santa Maria, considerada pelo seu curso de Teatro. Nem sequer sonhava com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pois Porto Alegre estava muito longe das minhas pretensões.

O tempo foi passando, e no Ensino Médio eu continuava a dizer que queria estudar teatro, mas comecei a pesquisar outras universidades que ofereciam o curso, sempre muito segura do que eu queria.

No terceiro ano, diante da situação da minha escola pública, cujo ensino era aquém das expectativas de quem queria tentar uma vaga no Ensino Superior, resolvi iniciar um cursinho preparatório para a prova do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Estudava de manhã, em Casca/RS, cursando o terceiro ano, e, à noite, viajava a Passo Fundo/RS para as aulas do cursinho, já que na minha cidade não havia. Fiz o cursinho ENEM porque era mais barato, mas acreditava que aquilo me daria uma boa base para a prova do Vestibular da UFRGS. Naquela época eu já sonhava mais com a UFRGS do que UFSM, pelo fato de ser mais perto da minha cidade.

Conforme o ENEM foi chegando eu comecei a sentir algo que nunca havia sentido antes: dúvida. Comecei a duvidar se eu faço teatro porque gosto ou por influência; duvidar se isso é realmente o que eu quero para a minha vida; duvidar se eu quero ir para longe. Faço um teste vocacional, com procedimentos um tanto vagos e frágeis, pois a pessoa que o aplica mal fala comigo, e recebo a indicação, ou o “conselho”, de que deva optar por uma profissão ligada à área da saúde, que me renda financeiramente. O que parece aumentar ainda mais as minhas dúvidas.

Converso com meus pais, buscando pesar todos esses questionamentos e refletirmos juntos. Hoje, olhando para esse recorte de tempo, percebo que o que eu sentia com meus dezessete anos em relação à minha escolha profissional não era dúvida, mas medo, medo do novo, da mudança drástica prestes a acontecer. Felizmente, essa dúvida foi embora. Quanto mais o tempo passa, mais percebo o

quanto sou apaixonada pelo teatro e o quanto eu gosto de estar em cena, seja atuando no palco, ou na sala de aula, como professora.

#### **2.4. A continuação de um sonho**

Numa tarde do dia 22 de janeiro de 2016, na garagem da minha casa, debulhando uvas para fazer nossa própria produção de vinho e de suco de uva, junto com meus pais, tomo conhecimento dos resultados do Concurso Vestibular da UFRGS 2016. Quando vejo meu nome na lista de aprovados, em meio a tantas outros, entro em êxtase. Jogo o balde de uvas para cima e caímos em gargalhadas. Um tempo depois, sai o resultado do ENEM, e sou aprovada também na UFSM.

Escolho a UFRGS não apenas por ter me interessado pelo currículo do seu Curso de Licenciatura em Teatro, mas também por praticidade, pois a distância até Porto Alegre é menor em relação à Santa Maria. Meu ingresso dá-se pelo sistema de cotas sociais, dentro da política de reserva de vagas por Ações Afirmativas<sup>16</sup> instituída pela UFRGS desde 2008 (que possui oito modalidades de cotas).

Ingresso na modalidade cota social L1 (candidato egresso do Sistema Público de Ensino Médio com renda familiar bruta mensal igual ou inferior a 1,5 salário-mínimo nacional per capita). Nessa modalidade, uma das exigências é a comprovação de renda, por esse motivo minha documentação demora muito a ser examinada até o deferimento. Com receio de perder a vaga, inicio o curso em Santa Maria, pois, as aulas da UFRGS já começaram e nem sinal da minha documentação ser aprovada. Quinze dias depois, via processos e recursos, consigo ter minha documentação deferida e realizar a minha matrícula na tão sonhada Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Abandono a UFSM e me mudo para Porto Alegre. Uma fase muito difícil da minha vida: deixar para trás a escola, os amigos, a família, a cidade, para ir em direção ao completo desconhecido. Ter que aprender a ver gente dormindo na rua, a ter medo de ser assaltada, a andar sempre com a carteira de identidade no bolso,

---

<sup>16</sup> Conjunto de políticas públicas para a promoção de oportunidades, destinadas a grupos sociais menos favorecidos socioeconomicamente. Mais informações sobre o programa de Ações Afirmativas da UFRGS podem ser encontradas no site <[www.ufrgs.br/acoesafirmativas](http://www.ufrgs.br/acoesafirmativas)>.

a tomar um ônibus interurbano e inúmeras outras atenções novas que não fazem parte da minha antiga realidade. Um novo mundo, distante de tudo o que eu conheço, inclusive, um novo fazer teatral.

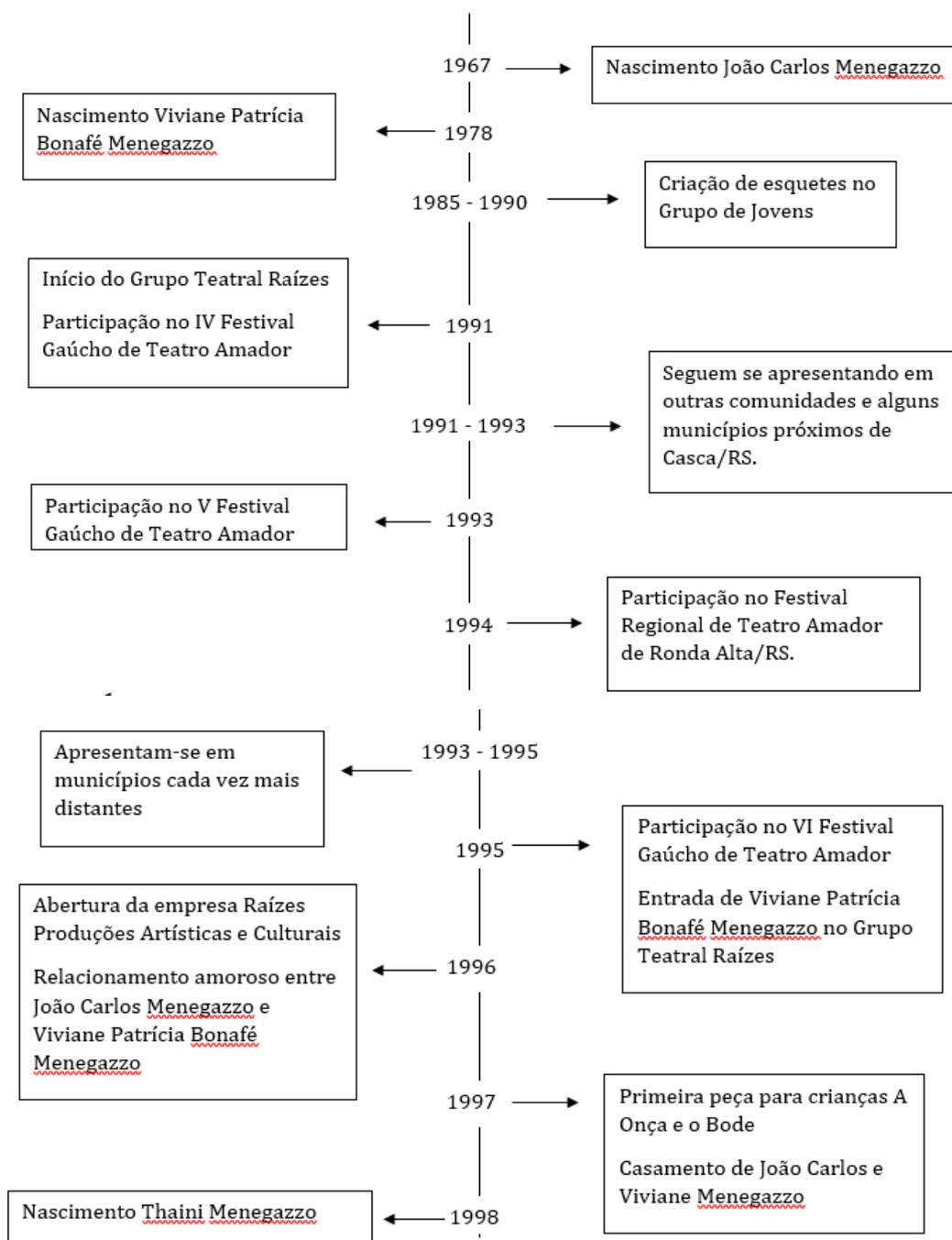
Essas e outras tantas mudanças geram um enorme desconforto e muitas tensões, ocasionando a vontade de regressar à minha casa toda a semana, e assim o faço. Cinco dias na caótica Porto Alegre (segunda, terça, quarta, quinta e sexta-feira) e dois dias na pacata Casca (sábado e domingo). É a forma que encontro para me adaptar à nova vida e à falta da família ao meu lado. Afinal, o sonho de ampliar meus conhecimentos sobre teatro e sobre educação é maior e me motiva a continuar na capital, a superar os medos, angústias e inseguranças. E a saudade de casa até se ameniza quando penso na minha família-grupo de teatro e nos laços que nos unem: o amor, a arte, o teatro, que se tornam combustíveis para seguir.

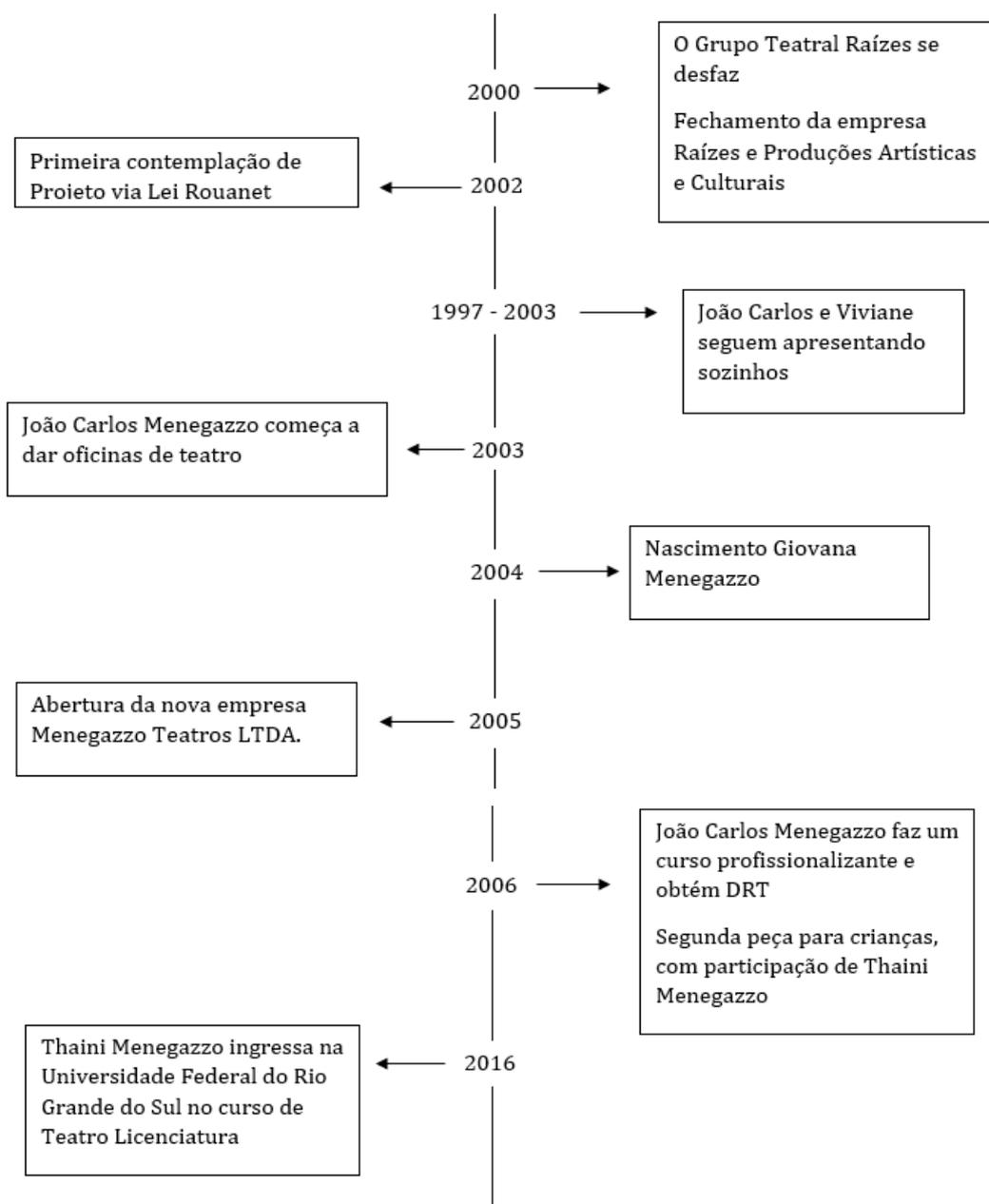
Parece tão difícil, tão complicado e, ao mesmo tempo, passa tão rápido que me encontro aqui, olhando para trás como se fosse ontem e escrevendo meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Nesses 28 anos de estrada, a trajetória do Grupo Menegazzo Teatros conta com uma estimativa de público total de 290 mil espectadores, sem contar os alunos de oficinas de teatro; e com um total de treze (13) espetáculos teatrais em seu repertório, sendo eles: *I Pensieri del Pupà* (1991-1997); *Que Laori* (1994); *Deu A Louca Na Família* (1995-1997); *A Onça e o Bode* (1997-2001); *Aconteceu na Floresta* (2002 - 2005); *O Mistério da Cegonha* (2000-2016); *Cozí Ze La Vita* (2005-2018); *Meu Futuro é Agora* (2006-2018); *O Aviário do Menegazzo* (2008 - 2015); *A Insana Arte de Ensinar* (2015-2019); *Pintores de Sonhos* (2018-2019); *Na Beira do Abismo* (2018-2019); e *Só Para Mulheres* (atualmente em processo de montagem).

No subcapítulo que se segue apresento uma linha do tempo, que permite visualizar os principais fatos e feitos dessa história de amor e dedicação ao teatro.

## 2.5. Cronologia teatral na família Menegazzo





### 3. ENTRE A VIVÊNCIA DE GRUPO E A EXPERIÊNCIA ACADÊMICA

Na Commedia Dell'Arte há personagens tipificados, como por exemplo, o *Arlecchino* (servo, palhaço e malandro), o *Pantaleone* (velho, rico e avaro), os *Innamoratti* (casal jovem, belos, amantes), entre outros. Assim sendo, os atores, desse teatro dedicavam toda a sua carreira ao estudo e trabalho de um personagem que, geralmente, era passado de pai para filho. Da mesma forma, tudo que aprendi sobre o teatro – referente à atuação, à direção, aos elementos de cena, a produção, à relação com o público e tantos outros aspectos –, até o meu ingresso na graduação, foi construído junto ao Grupo Menegazzo Teatros, por meio da oralidade e das experiências dos meus pais.

A partir do momento em que eu ingresso no Curso de Teatro, essa construção de saberes entre nós parece assumir uma outra via. Ou seja, nos retornos à casa dos meus pais, seja para visita-los ou para realizar algum trabalho junto ao Grupo, busco compartilhar com eles os conteúdos teóricos e práticos aprendidos na experiência acadêmica como licencianda em teatro. Uma troca de saberes que acontece de forma muito natural, proveniente do desejo e, eu diria, da necessidade de conhecimento e renovação. Segundo o educador português António Nóvoa (1991) “a troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua”. Por assim dizer, posso crer que minha família passou por um processo de formação junto comigo.

Estar “com um pé” em cada um desses “lugares” distintos de formação profissional, me fez estar em constante reflexão sobre prática docente e artística, o que me levou a relacionar os conhecimentos adquiridos no decorrer da formação na academia às minhas vivências de grupo e a reconhecer as qualidades, as especificidades e, sobretudo, a de cada uma dessas instâncias de conhecimento, que, a princípio, parecem universos contrastantes, mas que se atravessam e se complementam de maneira única na minha formação, tanto na dimensão profissional como na dimensão pessoal e afetiva.

A professora e pesquisadora Selva Guimarães Fonseca (1997) reflete sobre a formação e a prática docentes no Brasil, por meio de entrevistas com diversos professores. A partir da história de vida dos seus entrevistados, a autora traz uma ideia que venho tentando explicitar nesse trabalho. Segundo ela, “os

processos de formação dos professores não se construíram apenas por meio de cursos frequentados em escolas e universidades, durante determinados períodos da vida” (FONSECA, 1997, p. 199). Nas reflexões sobre as narrativas dos professores, Fonseca faz um paralelo com as ideias de Nóvoa (1991), que ela considera fundamentais à análise da formação profissional e da experiência. Esse autor valida o meu trabalho de fazer aqui, também, uma retrospectiva da minha formação, quando escreve:

Os momentos de balanço retrospectivo sobre os percursos pessoais e profissionais são, também, momentos de formação e de investigação, que estimulam o desenvolvimento pessoal e a socialização profissional dos professores. (NÓVOA, 1991, p. 72).

Além disso, Nóvoa afirma que “[...] a formação é um espaço de socialização e está marcada pelos contextos institucionais, profissionais, sócio-culturais e econômicos, em que cada indivíduo vive” (NÓVOA, 1988, p.13). E ainda,

“[...] a formação não é o resultado previsível de uma ação educativa. A formação é infinitamente mais global e complexa: constrói-se ao longo de toda uma trajetória de vida e passa por fases e etapas que é ilusório pretender “queimar” (NÓVOA, 1988, p. 13).

Nesse sentido, contemplada pelas palavras desses autores, e tomando por base meu próprio exemplo, afirmo que a vivência do professor de teatro é, sem dúvida, de extrema importância em sua constituição, visto que todas as suas experiências reverberam em sua prática docente. Assim, me contraponho à ideia de uma “divisão” da experiência de vida processada antes e depois da academia, aliando-me às ideias de Paulo Freire, que contesta a concepção mecânica da consciência, vista como algo vazio a ser preenchido e considera que todos nós adquirimos saberes durante toda a nossa vida, muitos deles, implícitos em nós mesmos. Para o autor, não somos seres vazios, que são encheidos de conteúdo, mas “corpos conscientes” (FREIRE, 2009, p. 77), que problematizam suas experiências em suas relações com o mundo.

Considero o professor de teatro em constante formação, pois suas experiências anteriores à academia, dentro e fora dela, e posteriores a ela, se misturam e se articulam, constituindo profissionais únicos, cada qual com sua visão de mundo, qualidades e especificidades. Mais uma vez afirmando a vivência como processo de formação, Nóvoa (1991) defende que:

A formação contínua deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autónomo e que facilite as dinâmicas de auto-formação participada. Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projectos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional. (NÓVOA, 1991, p. 70).

Concluindo a graduação, percebo a dimensão do meu papel como educadora. Segundo Freire “o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa” (FREIRE, 2017, P. 77). A partir do momento em que ingresso na graduação e entro em contato com outras fontes de conhecimento, o mesmo acontece na minha relação familiar, na qual todos nós nos tornamos sujeitos do processo e crescemos juntos – “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 2017, p.25).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de recriar as minhas vivências através da minha memória e das memórias dos meus familiares foi um tanto delicado, por envolver muitas questões afetivas, mas, também, muito prazeroso. Ele me permitiu visualizar a minha trajetória de outras maneiras e examinar como as minhas experiências se refletem na minha prática docente e artística.

O professor de teatro diferencia-se dos professores das demais áreas do conhecimento pelo fato de poder estar mais diretamente em contato com outras esferas e facetas do aluno, como a corporal, a emocional e a afetiva, por exemplo. Nas aulas de teatro, o estudante está em constante exposição e, muitas vezes, utiliza-se suas próprias experiências na criação dramática ou cênica. E cabe ao professor o papel de conduzir e, também, articular o trabalho. As experiências vivenciadas pelo professor de teatro durante toda a sua trajetória, em espaços formativos ou não, o constituem como tal e, por tanto, devem, sim, ser consideradas como processo de formação do sujeito.

Certamente, quanto mais se pesquisa mais há o que se pesquisar; e este estudo não é diferente. As reflexões aqui apresentadas deixam muitas lacunas em aberto, seja pelo ajuste de foco da investigação, que deixou de fora muitos aspectos, ou pela falta de tempo para abordar mais pontos. Um ponto que lamento muito não ter podido me aprofundar é o que trata do Festival Gaúcho de Teatro Amador, promovido pela FETARGS E IEACEN. Penso que uma pesquisa sobre essa importante instância de formação e difusão dos grupos do interior do estado, e que não está mais em atividade, seria de grande valia. Outro ponto importante deixado em aberto, dos tantos que me ocorrem nesse momento, é a invisibilização dos grupos teatrais do interior do estado, que sofrem com a falta de recursos e incentivo.

Ao término deste Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Teatro, fico feliz por alcançar meus objetivos. Além de confirmar que a formação do professor e do artista de teatro se processa muito além dos espaços de ensino e aprendizagem da academia, selo meu compromisso com o grupo Menegazzo Teatros, difundindo a história de 28 anos da minha “família-grupo” para além dos limites de tempo e espaço nos quais ela se encontra.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Cristina Santos de Oliveira. **A importância da história oral como metodologia de pesquisa.** Disponível em: <<http://www.eventos.ufu.br/sites/eventos.ufu.br/files/documentos/mariacristinasantosdeoliveiraalves.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2019.

FONSECA, Selva Guimarães. **Ser professor no Brasil: história oral de vida.** Campinas: Papyrus, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** 55. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2017.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido.** 48. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

KAUFMANN, Jean-claude. **A entrevista compreensiva.** 3. ed. Petrópolis - Rj: Vozes, 2013.

NÓVOA, António. O método (auto)biográfico na encruzilhada dos caminhos (e descaminhos) da formação dos adultos. **Revista Portuguesa de Educação**, Lisboa, v. 1, n. 2, p.7-20, 1988.

\_\_\_\_\_. A formação contínua entre a pessoa-professor e a organização-escola. **Inovação**, Lisboa, v.4, n.1, p. 62-76, 1991.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A Dimensão Histórica do Sujeito no Processo Educativo. **Revista Brasileira de História da Educação (RBHE)**, Belo Horizonte, 2002. Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema7/7142.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

SILVA, Flaviano Souza; MUNIZ, Mariana de Lima. Teatro Amador no Brasil Em Meados do Século XX: Tempo de profissionalismo, tempo de amadorismo. In: VII CONGRESSO DA ABRACE - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS, 2012, Porto Alegre. **Tempos de memória: Vestígios, Ressonâncias e Mutações.** Belo Horizonte: UFMG, 2012. p. 01 - 05. Disponível em: <[http://www.portalabrace.org/viicongresso/completos/teatrobrasileiro/Flaviano\\_Souza\\_e\\_Silva\\_-\\_Teatro\\_amador\\_no\\_Brasil\\_em\\_meaos\\_do\\_s\\_culo\\_XX\\_-\\_tempo\\_de\\_profissionalismo\\_tempo\\_de\\_amadorismo.pdf](http://www.portalabrace.org/viicongresso/completos/teatrobrasileiro/Flaviano_Souza_e_Silva_-_Teatro_amador_no_Brasil_em_meaos_do_s_culo_XX_-_tempo_de_profissionalismo_tempo_de_amadorismo.pdf)>. Acesso em: 23 out. 2019.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História oral.** 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

UFRGS, Lume. **Apresentação.** Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/apresentacao>>. Acesso em: 18 nov. 2019.

## **APÊNDICE**

### **FOLDER IV FESTIVAL DE TEATRO AMADOR DO RIO GRANDE DO SUL**

VI FESTIVAL GAÚCHO DE TEATRO AMADOR



12 A 17 DE DEZEMBRO/95  
ERECHIM RS BRASIL

**COMISSÃO DE HONRA:**

**ANTÔNIO BRITO**  
Governador do Estado do Rio Grande do Sul

**CARLOS JORGE APPEL**  
Secretario do Estado da Cultura

**ANTÔNIO DEXHAIMER**  
Prefeito Municipal de Erechim

**DILMAR MESSIAS**  
Diretor do IEACEN - Instituto Estadual de Artes Cênicas

**COMISSÃO ORGANIZADORA:**

**IZABEL IBIAS**  
Coordenadora de Teatro do IEACEN / SEDAC

**ELOINA SOARES FERRAZ**  
Coordenadora de Oficinas do IEACEN / SEDAC

**JOÃO DAUTARTAS**  
Secretario Municipal de Educação e Cultura - Erechim

**ADEMAR FRANCISCO BRUM**  
Presidente da FETARGS - Federação Gaúcha de Teatro Amador

## **VI FESTIVAL GAÚCHO DE TEATRO AMADOR**

### ***JURADOS - FASE FINAL - ERECHIM***

NILTON FILHO  
JOÃO CASTRO LIMA  
CIÇA RECKZIEGEL  
SÔNIA PELEGRINO  
IDA CELINA  
VERA SASS  
MARIA LÚCIA SMANIOTTO

### ***OFICINEIROS - FASE FINAL***

LIGIA RIGO - Maquiagem  
DANIEL LION - Figurino  
RODRIGO LOPES - Cenografia  
JOÃO CASTRO LIMA - Direção  
CIÇA RECKZIEGEL - Expressão Corporal  
NILTON FILHO - INTERPRETAÇÃO

### ***COORDENADORES REGIONAIS***

MARCELO AQUINO - Regional Lajeado  
CLAUDETE PICOLLI - Regional Caxias do Sul - SESC  
CARLOS JOSÉ MANINHO - Regional Jaguarão  
ANTÔNIO LOPES - Regional Montenegro  
JOÃO CARLOS MENEGAZZO - Regional Casca

## VI FESTIVAL GAÚCHO DE TEATRO AMADOR

### *JURADOS DAS FASES REGIONAIS*

#### **Regional Lajeado**

DANIELA CARMONA  
NILTON FILHO  
NENA ANHORI  
LAURA PEIXOTO  
GLÁDIS WAGNER

#### **Regional Caxias do Sul**

IEDA DIHL  
LUIZ HENRIQUE PALEZI  
ROBERTO OLIVEIRA  
JOÃO PULITA  
TATIANA RIVOIER

#### **Regional Jaguarão**

REGINA GOULART  
GILBERTO ICLE  
NILTON FILHO  
DANILO BRUM  
LUIZ CARLOS

#### **Regional Montenegro**

IDA CELINA  
ELCIO ROSSINI  
GINA TOCHETTO

#### **Regional Casca**

JOÃO CASTRO LIMA  
CIÇA RECKZIEGEL  
SONIA PELEGRINO  
MARLI CITA  
ROSMERI RIGO

## VI FESTIVAL GAÚCHO DE TEATRO AMADOR

### OS ESPETÁCULOS CLASSIFICADOS CONCORREM:

**Melhor:** 1. Espetáculo / 2. Ator / 3. Atriz / 4. Ator Coadjuvante / 5. Atriz Coadjuvante  
6. Direção / 7. Figurino / 8. Cenário / 9. Sonoplastia / 10. Iluminação /  
11. Prêmio Especial do Juri.

**Premiação para as categorias:** Adulto / Infantil

### PROGRAMAÇÃO VI FESTIVAL DE TEATRO AMADOR FASE FINAL

#### 12.12 - TERÇA-FEIRA

- 20h - Cerimonial de Abertura
  - Descerramento da Placa Alusiva ao VI Festival Gaúcho de Teatro Amador
  - Pronunciamentos
  - Performance - Grupo Theatro Perfil - Erechim
- 21h - Peça Convidada: A COISA CERTA - Direção: Júlio Conte - POA

#### 13.12 - QUARTA-FEIRA

- 10h - Peça Infantil - PLUFT O FANTASMINHA - Espumoso
- 15h - Peça Adulta - DEU A LOUCA NA FAMÍLIA - Casca
- 16h às 19h - Oficina - Figurinos - Daniel Lion
- 21h - Peça Adulta - ROMÉU E JULIETA - Santa Cruz do Sul

#### 14.12 - QUINTA-FEIRA

- 10h - Peça Infantil - RUIM COM BRUXAS? PIOR SEM ELAS - Passo Fundo
- 15h - Peça Infantil - FANTASIA - Canela
- 16h30min às 19h30min - Oficina - Daniel Lion - Figurinos
- 21h - Peça Adulta - GOIABADA COM QUEIJO - Santa Maria

#### 15.12 - SEXTA-FEIRA

- 10h - Peça Convidada - O GAÚCHO SAFADO - Palmeira das Missões
- 15h - Peça Adulta - NUESTRA AMÉRICA - Jaguarão
- 21h - Peça Convidada - INTERIOR - Direção: Lorival Andrade - Itajai SC

#### 16.12 - SÁBADO

- 08h - Peça Infantil - A TERRA DAS BORBOLETAS - Tapes
- 10h30min - Peça Adulta - MÁSCARAS - Arroio do Meio
- 15 às 18h - Seminário de Fátima - Oficinas
- 16h - Reunião Diretores de Artes Cênicas - Centro Cultural (RS - SC - PR)
- 21h - Peça Convidada - SINCRETICANTIGONE - Vencedora V Festival Gaúcho - Santa Maria

#### 17.12 - DOMINGO

- 09 às 12h - Seminário de Fátima - Oficinas
- 14h - Peça Infantil - A REVOLTA DOS PERUS - Lajeado
- 19h - Peça Convidada - PERDOA-ME POR ME TRAÍRES - Direção - Júlio Ziegelmann  
Canela - RS
- 20h 15min - Cerimonial de Encerramento - Premiação
- 21h30min - Jantar de Confraternização

## VI FESTIVAL GAÚCHO DE TEATRO AMADOR

**GRUPO: MALA COM ALÇA - Tapes**

### **ESPETÁCULO: "A TERRA DAS BORBOLETAS"**

Espiral-Sem-Fim é o maior colecionador de borboletas do mundo. Para completar a sua coleção faltava-lhe, apenas, a Borboleta Azul.

Junto com Abacate, seu assistente, resolvem oferecer uma recompensa pela rara borboleta. Muitas foram as promessas: cientistas, mágicos, aventureiros. Acompanhando à distância, estão Supartanaka, um falso herói de seriados Japoneses e Ameba, uma Pupa sujeita a todo tipo de humilhação devido ao seu hábito de comer constantemente.

Quando já não havia mais esperança de obter a Lepirodóptero a surpresa: após a metamorfose, Ameba, a desprezada por todos, transforma-se na tão procurada Borboleta Azul. O destino de todas as borboletas da coleção mudaria a partir daquele dia.



#### **FICHA TÉCNICA:**

Texto: Miguel Angel Zuazo Sanchis

Cenografia: Miguel A. Zuazo Sanchis, Elisabeth Pereira e Silvio Rabello

Gravações: Hofstarter

Maquiagem: Yara Bandeira e Elisabeth Pereira

Luz e Som: Miguel Angel Zuazo Sanchis

Coreografia: Denise Lucena

Direção Artística: Miguel Angel Zuazo Sanchis

Elenco: Ana Morilho, Angélica Mahfuz, Mariana Araújo, Tássia Pereira, Fernanda Pacheco, Fernanda Bandeira, Paula Bandeira, Fernada Araújo, Joana Fernandez, Yara Bandeira.

**VENCEDORA REGIONAL JAGUARÃO - INFANTIL**

## VI FESTIVAL GAÚCHO DE TEATRO AMADOR

### GRUPO TEATRAL "FAZENDO ARTE" - ESPUMOSO ESPETÁCULO: "PLUFT, O FANTASMINHA"

Numa cidadezinha, perto de uma praia deserta, aconteceu um dia uma coisa terrível: a neta do grande Capitão Bonança Arco-Íris foi raptada. João, Julião e Sebastião, que eram marinheiros do velho navio do Bonança, estavam desconfiados que o malvado raptor que tinha levado a menina era o horrível marinheiro Perna-de-Pau, invejoso e ruim, inimigo do velho Bonança. Os três marinheiros achavam que Perna-de-Pau só poderia ter levado a menina para um lugar: a casa do velho Bonança, abandonada, perdida na praia desde que o Capitão havia morrido. Todo mundo sabia que a casa era mal-assombrada, mas que Bonança tinha deixado lá seu tesouro. Desde que o Capitão Bonança morrera, ninguém cuidara da casa. Na verdade, a casa era mal assombrada mesmo. Lá no sótão vivia uma família de fantasmas. A Senhora Fantasma, na sua cadeira de balanço. Dormindo no baú, o tio Gerúndio, e brincando pelo sótão Pluft, um fantasminha que nunca tinha visto gente. Certa noite, os três marinheiros, cantando para espantar o medo, saíram à procura da neta do Capitão Bonança ...



#### FICHA TÉCNICA:

Texto: Maria Clara Machado  
Direção: Luiz Roberto Canello  
Cenário: Ledamar Vieira  
Figurinos: Ledamar Vieira e Elenco  
Iluminação: Sandro Luiz Hilgert  
Sonoplastia: Luiz Roberto Canello

Elenco: Ângela Parizotto, Janaína Rodrigues, Fernando Matte, Ernani Seelig, Júlio Canello, Vercilei Hackenhaar, Carin Ávila, Francine Cavalli, Fabiane Ferraz, Daniel Pillar.

VENCEDORA REGIONAL CASCA - INFANTIL

## VI FESTIVAL GAÚCHO DE TEATRO AMADOR

**GRUPO: ART & MANHA - Lajeado**

**ESPETÁCULO: "A REVOLTA DOS PERUS"**

Neste ano de 1995, o CEAT - Colégio Evangélico Alberto Torres - traz a você, com a direção de Irineu Haberkamp, a peça "A REVOLTA DOS PERUS". Contando a história de como os perus se revoltaram contra os festejos de Natal, o caráter infantil de peça fica evidente no desenrolar dos fatos, levando-nos a uma gostosa aventura na qual seremos verdadeiros espectadores: o que acontecerá com os perus? qual a surpresa que o final da peça nos reserva? O grupo Art & Manha vem aí com grande espetáculo montado.



### FICHA TÉCNICA:

Direção: Irineu Haberkamp  
Iluminação: Alexandre Bier  
Sonoplastia: Diego F. Ferreira da Silva  
Contra-Regra: Ana Lúcia Imhoff  
Coreografias: Simone Wildner  
Elenco: Caroline Roedel, Denise Sandri, Marcos Wiebbelling, Fernanda Grün, Glória Pretto, Rodrigo Dienstmann, Ana Paula Rossol, Simone Wildner, Fernando Cenci, Gisele Petry, Alessandra Ciccone, Cláudia Teckemeier, Cristina Leonhardt

VENCEDORA REGIONAL LAJEADO - INFANTIL

## VI FESTIVAL GAÚCHO DE TEATRO AMADOR

**GRUPO DE TEATRO DA UPF - Passo Fundo**

**ESPETÁCULO: RUIB COM BRUXAS? PIOR SEM ELAS.**

"RUIB COM BRUXAS? PIOR SEM ELAS" foi remontado em 95, com a direção de Juan Carlos Narvaez, depois de ter ministrado um curso de três meses em interpretação teatral para o grupo. A nova montagem como não poderia deixar de ser, ganhou cara nova e transformou-se num espetáculo limpo, que ressalta o lado humano dos personagens que povoam as tradicionais histórias de bruxas e princesas.

Em "RUIB COM BRUXAS? PIOR SEM ELAS" as bruxas resolvem, tirar férias, deixando as princesas em apuros. Para resolver o problema só o "Tempo" poderia ter a solução que promete virar a floresta de cabeça para baixo.



### FICHA TÉCNICA:

Criação Coletiva: Grupo de Teatro da UPF  
Direção Geral: Juan Carlos Narvaez  
Direção Artística: Cilene Corazza  
Cenografia: Juan Carlos Narvaez / Roseli Mª Matistella  
Figurino: Roseli Mª Batistella  
Iluminação: José Carlos Grybowski  
Operação de Som: Ana Cristina Schell  
Música: Flávio Silva  
Administração: Tiago Zanella  
Elenco: Carolina Batochio, Marino Otávio Azevedo, Roseli Mª Batistella, Betinha Mânica, Elis Rejane Palma, Tais Rizzotto, Piétersen Duderstadt, Daniela Dal'forno

VENCEDORA REGIONAL MONTENEGRO - INFANTIL

## VI FESTIVAL GAÚCHO DE TEATRO AMADOR

**GRUPO G.T. IMPROVISO**

**ESPETÁCULO: FANTASIA - CANELA**

O espetáculo conta a estória de Tina, uma garota egoísta de dez anos que odeia ganhar brinquedos.

Ao ganhar um ursinho, Tina joga-o no lixo, porém, arrepende-se, mas quando retorna para apanhá-lo não o encontra mais. Na tentativa de recuperar seu presente, a menina entra num mundo cheio de criaturas estranhas.



### FICHA TÉCNICA

Direção e Texto: Paulo André da Rosa

Iluminação: Elias Davi da Rosa

Sonoplastia: Julio Cesar Dias

Cenário, figurino, adereços e

bonecos: Paulo André da Rosa,

Leandro Athayde, Adriana Clebsch

Operação de som: Paulo André da Rosa

Operação de Luz: Adriana Kohlrausch

Contra-Regra - Rosecler Mombach

Elenco: Ana Carolina Matte (Tina),

Julio Cesar Dias (Zugno), Elias Davi

da Rosa (Caal/ Duende), Julio

Ziegelmann (Bruxa)

## VI FESTIVAL GAÚCHO DE TEATRO AMADOR

**GRUPO TEATRAL RAÍZES - Casca**

**ESPETÁCULO: "DEU A LOUCA NA FAMÍLIA"**

DEU A LOUCA DA FAMÍLIA é uma comédia que quer mostrar um pouco da vida caipira, a maneira simples de falar e de viver, os sonhos do futuro e a triste realidade do presente. Dona Cornella está triste e fala com a filha, o marido faleceu, e agora o que fazer? Neste instante chega o Janjão, noivo de Salustiana que é filha de Cornella, muito bravo e valentão briga com as duas e vai embora, chega Tetéco e Chico Piranha que conquista a velha e casa com a moça dizendo que é um coroné muito rico, depois volta Tetéco e Cornella descobre que Chico não tem dinheiro, aí resolve casar com Tetéco e tá feita a confusão, pai e genro ao mesmo tempo, sogro, sogra, padrasto, avô, tio, só mesmo o Janjão prá decifrar essa charada ...



### FICHA TÉCNICA

Direção: João Carlos Menegazzo  
Sonoplastia: Roberto A. Menegazzo  
Iluminação: Lucimar Frisam  
Figurino: O Grupo  
Cenário: O Grupo

Elenco: João Carlos Menegazzo, Gilmar Canozza, Solaci Zanetti, Viviane Bonafé, Lucimar Frisam.

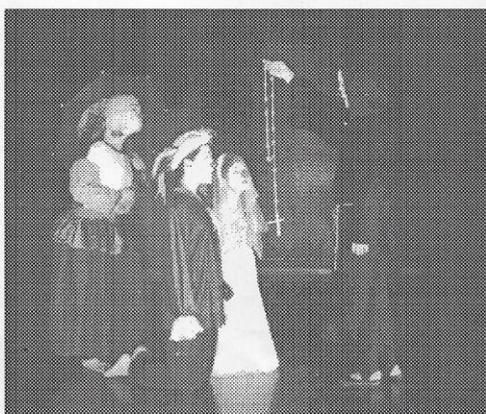
VENCEDORA REGIONAL CASCA - ADULTO

## VI FESTIVAL GAÚCHO DE TEATRO AMADOR

**GRUPO: COMPANHIA RETALHOS - Santa Maria**

**ESPETÁCULO: "GOIABADA COM QUEIJO"**

"GOIABADA COM QUEIJO" é baseada na obra "Romeu e Julieta" de William Shakespeare. A tragédia Shakespeariana foi utilizada como ponto de partida para a criação de uma tragicomédia. Através de um metateatro, a história é contada por uma companhia de teatro mamembe. O espetáculo utiliza técnicas da Comédia Dell'Arte dos Bufões e do Clown, resultando numa linguagem popular, que não se limita a nenhuma faixa etária de público. Em sua concepção original, trata-se de um espetáculo de rua, tendo sido adaptado para o palco. A música é uma mistura de estilos populares e é totalmente executado ao vivo. São utilizados mais de vinte figurinos, compostos em retalhos e inspirados nas obras do artista plástico Volpi.



### FICHA TÉCNICA:

Baseado em "Romeu e Julieta" de William Shakespeare  
Direção: Helquer Paez  
Montagem/Maquagem/  
Sonoplastia: Companhia Retalhos  
Concepção: Helquer Paez  
Cenografia: Jarbas Parise  
Figurino: Adriana Dal Forno, Jarbas Parise, Helquer Paez  
Confecção do Figurino: Celina Monteiro, Regina C. de Souza  
Iluminação: Nara Maia  
Elenco: Fernando Michelitti, Joice Aglaé Brondani, Daniela Varotto, Esmeralda Frizzo, Josilene Maders, Luiz Fernando Marques, Camilo Scandolara.

VENCEDORA REGIONAL, CAXIAS DO SUL - ADULTO

## VI FESTIVAL GAÚCHO DE TEATRO AMADOR

**GRUPO CÊNICO CONTRANESTESIA - Jaguarão**

**ESPETÁCULO: NUESTRA AMÉRICA**

A peça se dá em quatro atos desenvolvendo-se num forte diálogo que vai crescendo gradativamente, NUESTRA AMÉRICA, relata a constante luta entre a mudança e a permanência, entre o devir e o estático.

Um diálogo entre um jovem quase um menino, e um velho solitário e amargurado. O texto coloca em discussão o homem da América Latina, a nossa América em todas as terras, as mesmas rugas no rosto, o mesmo corpo curvado por séculos de opressão. A mesma desesperança e a mesma chama que o jovem traz no olhar. E essa chama ancestral vai germinar, no coração ressequido do velho, a semente da liberdade. NUESTRA AMÉRICA, um drama moderno que traduz através da analogia a busca da identidade latino-americana.



### FICHA TÉCNICA:

Direção Geral: Arnaldo de Ávila  
Assistência de Palco/Direção Musical: Sandro Chagas  
Contra-Regra: Oriovaldo Fontoura  
Concepção Cenografia: Carlos José Maninho e Leandro Barros  
Concepção Iluminação/Adereços/Preparação Corporal: Arnaldo de Ávila  
Operador Luz e Som: Daniel Botelho  
Concepção Figurinos: Arnaldo de Ávila e Carlos José Maninho  
Confecção Figurinos e Maquiagem: Cleusa Botelho  
Execução Maquiagem: Beto Cadaval  
Criação Música do Espetáculo/Concepção Trilha Sonora: Sandro Chagas  
Execução Música do Espetáculo: Paulo José Timm  
Elenco: Arnaldo de Ávila, Carlos José Maninho

**VENCEDORA DA REGIONAL JAGUARÃO - ADULTO**

## VI FESTIVAL GAÚCHO DE TEATRO AMADOR

### GRUPO TEATRAL ALIANÇA SANTA CRUZ

#### ESPETÁCULO: "ROMEU E JULIETA"

Considerada por muitos como uma das principais obras do legado Shakespeareano, a mais famosa história de amor de todos os tempos recebeu um tratamento fora dos padrões catedráticos das montagens, até então, convencionadas como clássicas. Comprometido com a tragédia, o espetáculo traz à tona a mais violenta conotação e ebulição dos sentidos humanos, em crescente movimento de opressão.

"A Guerra das Rosas", entre Lancarsters e Yorks, que lutaram pelo poder econômico e político na formação do moderno estado britânico, findando na dinastia Tudors, inspira a rivalidade da montagem.

Como roteiros e fragmentos de texto de Neidmar Roger e Betina Junkherr, ROMEU E JULIETA, pelo Grupo Teatral Aliança Santa Cruz, é uma leitura em que o amor e a tragédia se equivalem em força e desequilíbrio.



#### FICHA TÉCNICA:

De: William Shakespeare  
Roteiro e Fragmentos de Texto:  
Neidmar Roger e Betina Junkherr  
Direção: Neidmar Roger  
Ass. de Direção: Betina Junkherr  
Cenário e Iluminação: Neidmar Roger  
Figurino e Maquiagem: Alexandra  
Rutsatz  
Costureira: Marlene Bandel  
Design Gráfico: Rudi Kopp  
Foto: Carlos Nyland  
Trilha Sonora: Led Zeppelin, Ingvie  
Malmsteen, Sergei Prokofiev, Eric  
Serra, Slash, Zbigniew Preisner,  
Alice in Chains, Joe Satriani  
Produção: Aliança Santa Cruz  
Elenco: Alexandro Rech, Viviane  
Dreher, Marcio Oliveira, Rafael  
Monaco Floriano, Aldemar  
Scherbaum Jr., Jeferson Silva,  
Rosmeri Melchior, Lenara Teixeira.

VENCEDORA REGIONAL DE MONTENEGRO - ADULTO

## VI FESTIVAL GAÚCHO DE TEATRO AMADOR

**GRUPO TEATRAL - CARAS E BOCAS - Canela**

**ESPETÁCULO: "PERDOA-ME POR ME TRAÍRES"**

- Peça Convidada

É uma tragédia de costumes escrita e encenada em 1957, tendo no elenco o próprio autor no papel de "Tio Raul".

No passado, Tio Raul ama a cunhada adúltera e a obriga a tomar veneno porque ela o repele, enquanto o marido enlouquece.

Nessa atmosfera de falsidade, traição, frustração, degradação moral, prostituição, morte, loucura, solidão e principalmente a falta de amor, Nelson põe à mostra toda a fragilidade do ser humano.



VENCEDORA DO 9º FESTIVAL DE TEATRO DE CANELA  
(FASE COMUNITÁRIA)

### FICHA TÉCNICA:

De: Nelson Rodrigues

Direção: Julio Ziegelmann

Cenário: Caio Silvestrin

Figurino: Karenn Liège

Iluminação: Elias Davi da Rosa

Sonoplastia: Julio César Dias

Filmagem e contra-regragem: Marilda Mengue

Elenco: Karenn Liège (Tia Odete)

Izabel Casagrande (Nair, Mãe)

Sandra Dias (Glorinha, Judite)

Maurício Boniatti (Pola Negri, Irmão)

Evelin Hillig (Madame Luba)

Elias Davi da Rosa (Dr. Jubileu de Almeida)

Rúbia Vieira (Enfermeira, Ceci)

José Luís Libardi (Médico Gilberto)

Caio Silvestrin (Tio Raul).

## VI FESTIVAL GAÚCHO DE TEATRO AMADOR

*GRUPO TEATRAL ELENKU - Arroio do Meio*

### **ESPETÁCULO: "MÁSCARAS"**

"MÁSCARAS" é um texto de Menotti de Picchia e pertence a um gênero de teatro derivado da "Commédia Dell Arte", ou seja, a Arlequinada, tipo de espetáculo que existiu na Inglaterra no séc. XVIII, no qual os personagens contavam uma história através da linguagem da dança. Em termos gerais, a Arlequinada é qualquer peça cujos personagens sejam os da "Commédia Dell Arte". Neste sentido, "MÁSCARAS" é um exemplo de Arlequinada da dramaturgia brasileira.

O texto aborda poeticamente o triângulo amoroso formado por Pierrot, Arlequim e Colombina: três personagens com características marcantes, cada qual defendendo o seu ponto de vista sobre o amor.



#### **FICHA TÉCNICA:**

Direção: Marcilene Nilsson

Autor: Menotti del Picchia

Música: Álvaro Santi

Instrumental: Kari Forneck

Vocal: Saionara Gasparotto

Iluminação: Paulo S. Richter

Figurino: Iselda Pelison

Elenco: Saionara Gasparotto

Nairo H. Linck

Paulo Hoepfer

Nilce Alberton

*VENCEDORA REGIONAL DE LAJEADO - ADULTO*

## VI FESTIVAL GAÚCHO DE TEATRO AMADOR

**GRUPO: QUASE TRI DE LEGAL - Palmeira das Missões**

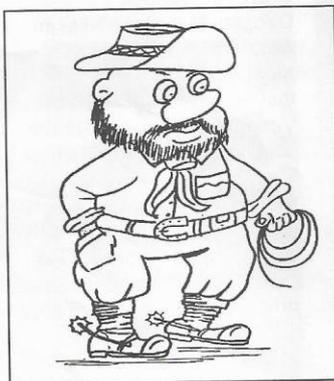
**ESPETÁCULO: GAÚCHO SAFADO - Peça Convidada**

O humor sempre foi um privilégio de quem está de bem com a vida. E mais: é nele que a verdade transita através do texto livre, sem compromissos com a moldura da hipocrisia. Pode-se, portanto, construir um novo mundo pela denúncia do absurdo da negação do homem como ente social.

Chaplin, enfrentou a fúria nazista com humor. Enquanto exércitos derrubavam fortalezas e avançavam contra a humanidade, ele torcia o bigodinho debochado pela tela muda do cinema redentor. Os covardes, escondidos atrás dos canhões não se importavam com suas palhaçadas, mas, os oprimidos, mesmo sob as masmorras entendiam que a mensagem era de liberdade. E de fato, o humor liberta porque lava a alma, aproxima as pessoas, cria motivos para que elas possam ser felizes.

"GAÚCHO SAFADO" foi escrito para o Grupo "Quase Tri de Legal", participar do I Festival Estadual de Teatro Estudantil. A pretensão não é apenas de fazer rir, mas chamar a atenção para os princípios éticos da convivência entre o bem e o mal.

Gaúcho é gaúcho em qualquer lugar, até no inferno. Honesto, não nega suas falseadas, recompõe-se, reconcilia-se e reconquista o seu espaço. Homem de trato simples, vê-se acuado, mas nem por isto deixa escapar a sua identidade. Luta, pede auxílio, não perde a esperança, e, mais uma vez, vence. É o bem de bombachas.



### FICHA TÉCNICA:

Texto e Direção: Luiz Augusto Maia Machado

Cenário: Márcia S. Martins e Marlei S. Martins

Figurinos: Mara Ranzi

Iluminação: Rodrigo Bastos

Trilha Sonora: Enemar Soares

Contra-Regra: Carlos E. Ranzi

Sonoplastia: Daniel Chiocheta

Coreografia: Mariangela C. Jardim

Palco: Benhur Sturmer e Elaine Binello

Conotécnica: Elaine De Carli

Diretora de Cena: Dagmar Chiocheta

Assistente de Produção: Luciano Branchier

Elenco: Glasian Aragonéz, Daniele Herok, Raquel

Barbosa, Fernanda Bastos, Jerusa Bertinato, Mara

Ranzi, Rudinei S. da Rosa, Aline Pagnussat, Josneri

Bertinato, Adgair Moraes, Patrícia O. da Silva,

Geovana Gottardo.

VENCEDORA DO 1º FESTIVAL ESTADUAL DE TEATRO ESTUDANTIL

## VI FESTIVAL GAÚCHO DE TEATRO AMADOR

GRUPO TEATRAL ACONTECENDO

ESPETÁCULO: "INTERIOR" - Peça Convidada - SC

INTERIOR, escrita para marionetes em 1894, apresenta-nos uma cena dividida. É noite; através de três janelas divisamos o serão de uma família que, à luz do candeeiro, vive e espera. E viver é também trazer em si outra coisa que não se pode dizer e que nos faz chorar. O restante da cena configura o que ouvimos, já que, por convenção, não se ouve o que é dito dentro de casa. O Estrangeiro, O Velho e suas netas são os personagens que têm como missão falar. Mas são portadores de uma palavra que mata e essa palavra paralisa-os. Uma jovem afogou-se. A família ainda não sabe. Vive e ignora o que se passou. Mas vive, já de alguma forma, essa morte. Vive já nesse tempo em que sua filha não vive mais. Depois de muitas hesitações, o Velho entra na casa e dá a notícia - que não ouvimos. (Como relatar a palavra da morte?) Precipitam-se todos para fora da casa.

Na sala uma criança dorme, só, em cena.



### FICHA TÉCNICA:

Direção: Lourival Andrade  
Dramaturgista: Eliane Lisboa  
Trilha Sonora Original: Marcelo Muniz  
Sonoplastia - Execução: Arlete Aquino  
Cenografia - Concepção: Sílvio Mantovani  
Cenografia - Execução: Zaca Fassbinder  
Figurino: Joana D'arc Machado  
Iluminação - Concepção: Sílvio Mantovani  
Iluminação - Execução: Zaca Fassbinder  
Maquiagem: Joana D'arc Machado  
Voz - Off: Arlete Aquino  
Contra-Regra: Dilma Winter  
Costureira: Célia Soares

Elenco: Luciano Estevão, Lenita Novaes, Mary Dutra, Melize Zanoni, Mariane Senger

## VI FESTIVAL GAÚCHO DE TEATRO AMADOR

### **ESPETÁCULO: "A COISA CERTA" - Júlio Conte - POA** **Peça Convidada - Abertura Festival**

"A Coisa Certa" é uma comédia dramática sobre relações amorosas e familiares, realizada com linguagem comunicativa da peça urbana e realista. Experientes e conhecidos atores de Porto Alegre emprestam sua habilidade e desenvoltura para tornar a peça de Júlio Conte uma história palpável e plausível.

#### **FICHA TÉCNICA:**

**Autor:** Júlio Conte

**Direção:** Júlio Conte

**Direção Musical:** Carina Donida Dalcul

**Cenário:** Rodrigo Lopes

**Iluminação:** Júlio Conte

**Produção:** Mulheres de Negro

**Elenco:** Zé Victor Castiel, Oscar Simch, Patsy Cecato, Daniela Schimitz



FICHA TÉCNICA:

Carlos A. Magnabosco - Computação Gráfica (cartaz e folheteria)

Impressão e Montagem: Gráfica São Cristóvão

Editor: Ademar Francisco Brum

Coordenação: Dilmar Messias

Equipe: Isabel Ibias

Eloina Ferraz

Ademar Francisco Brum

Angela Generali

SMEC

Iluminação e Coordenação Técnica: João Acir

**AGRADECIMENTOS:**

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA - SEDAC

INSTITUTO ESTADUAL DE ARTES CÊNICAS - IEACEN

PREFEITURAS MUNICIPAIS - Erechim, Casca, Lajeado, Montenegro

Secretaria Municipal de Educação e Cultura - SMEC - Erechim

COORDENADORES REGIONAIS

SESC - Caxias do Sul

FETARGS

MITRA DIOCESANA - Seminário N. S. Fátima

COORDENADOR DO CENTRO CENOTÉCNICO DO ESTADO - João Acir

**PROMOÇÃO:**

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Secretaria de Estado da Cultura - SEDAC

Instituto Estadual de Artes Cênicas - IEACEN

Prefeitura Municipal de Erechim

Secretaria Municipal de Educação e Cultura - SMEC - Erechim

Federação Gaúcha de Teatro Amador - FETARGS